

Cantos e Recantos

Cantos e Recantos
São Caetano do Sul
2006



Dr. José Auricchio Junior - Prefeito Municipal



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul

Sonia Maria Franco Xavier - Presidente

Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Séries Cadernos de História, Documenta e Ensaios

Direção: Prof. Sônia Maria Franco Xavier

Volumes Publicados:

1. José de Souza Martins, *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
2. 8º Grupamento de Incêndio 32 anos de História. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
3. Yolanda Ascencio, *Meio século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998. 2ª edição revista e ampliada, 1999.
4. Sonia Maria Franco Xavier (org.), *Jayme da Costa Patrão:...um traço marcante na autonomia*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
5. Rui Ribeiro, *Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
6. Guido Carli, *Sfí òni gera... cussí (Antigamente era assim)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
7. Agvan de Andrade Matos, Rosemeire Bento Simões (org.), *Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Escola Estadual Laura Lopes, 1999.
8. *Anais do III Congresso de História do ABC. À Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
9. Deliso Villa, *História Esquecida*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2000.
10. Eliane Mimesse, *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.
11. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Um olhar poético sobre São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2002.
12. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Vozes da Vizinhança - Os bairros de São Caetano por seus moradores*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003.
13. José de Souza Martins, *O Imaginário na Imigração Italiana*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003.
14. Mario Del Rey, *História da Maçonaria em São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
15. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Jardins de Infância: registros das escolas infantis de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
16. Alexandre Toler Russo, *Caminhos da Fé. Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
17. Mário Porfírio Rodrigues, *Um Jornal, Uma Vida - A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2005.

Este livro integra o *Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória*, do período administrativo 2005-2008 (prefeito José Auricchio Júnior), cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 - Santa Paula
São Caetano do Sul (SP)
CEP 09541-520
Telefones: 4221-9008 - 4221-7420
www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br

ISBN 85-85788-25-2

Ficha Catalográfica:

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.
F977c Cantos e Recantos - São Caetano do Sul. Fundação Pró-
Memória de São Caetano do Sul. Fundação Pró-Memória:
São Caetano do Sul; 2006./ - (Série Documenta)

1. Literatura - Poema e Crônica 2. Literatura Brasileira
3. Crônica e Poema - Literatura Brasileira. I Título

CDD.869.91

Ficha composta por Jussara Ferreira Muniz

Fundação Pró-Memória - Série Documenta

| | |
|---------------------------------|---|
| Direção: | Sonia Maria Franco Xavier |
| Contatos: | Yolanda Ascencio |
| Revisão: | Alexandre Toler Russo |
| Digitalização Texto: | Fabiana Soler Amaral |
| Digitalização Imagens: | Fabiola Fioravante |
| Secretaria e Organização | Maria Aparecida M. Fedatto |
| Capa: | André Luis Balsante Caram |
| | Foto: Acervo Fundação Pró-Memória |
| Editoração: | Antonio Devanir Leite Junior- Mtb. 19.866 |
| | INTEGRAÇÃO |

Cantos e Recantos de São Caetano

Índice

- Prefácio - **09**
- Di Thiene - **11**
Cláudio Rogéria Braco
- Saudade de mim - **17**
Yolanda Ascencio
- Só mesmo em São Caetano ! - **27**
Neli Guiguer
- Viver, viver! Páscoa no parque Chico Mendes - **35**
Celso de Almeida Cini
- Os sinos da Matriz - **43**
José Roberto Espíndola Xavier
- Tiro de Guerra 02-277
- O instrutor da 4ª Turma - **47**
R. Lee di Barcelona
- Aeromodelismo - **51**
Claudino de Lucca
- Os pracinhas da II Grande Guerra - **55**
Mário Porfírio Rodrigues
- A menina na sua São Caetano antiga - **59**
Albertina Rodrigues Matsudo
- A árvore da esquina - **67**
Maribel Aparecida Marana
- Amazonas com Pará - **71**
Maria do Céu Formiga de Oliveira
- A rua da minha infância - **75**
Rosalva Maria Liberado Rela
- As torneiras da General - **79**
Rui Ribeiro
- Santa Maria, um bairro que marcou minha vida - **83**
Eva Bueno Marques
- O pôr-do-sol do Santa Maria - **91**
Daniel Belluci Contro
- Nossas origens - **93**
Gilberto Tadeu de Lima
- O benzedor - **95**
Gilberto Tadeu de Lima
- Nariz de palhaço - **97**
João Alberto Tessarini
- Minha escola - **101**
Cláudia Rocha de Souza
- Imagine - **105**
Margarete Schiavinatto
- O sabor da lembrança - **109**
Liana Moreira
- Doces lembranças do tempo - **117**
Lourdes De Vita
- Olhar poético - **121**
Mariza Lima Gonçalves
- Meu São Caetano de outrora - **127**
José Ramos Vitorino
- Tradição e dança de salão no Teuto
- clube União Cultural de São Caetano - **133**
Hildebrando Pafundi
- Demônios, vampiros e outros sustos - **143**
Humberto Domingos Pastore
- São Caetano do Sul - cidade acolhedora - **147**
Maria José Amaral Pante
- Poema de compromissos - **151**
Sérgio Augusto Alonso Bellaminut
- Cidade das cores... e dos perfumes - **153**
Wilson Loduca
- Sinais do tempo ! - **155**
Raquel Santos
- São Caetano brilha ! - **157**
João Miguel dos Santos
- Contos de trens... - **159**
Priscila Gorzoni

Prefácio

Talvez seja este um dos mais ousados projetos da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em sua incessante busca pelo resgate histórico do município. Tendo como premissa a valorização de nossa cultura, procuramos sempre focar, pelos mais criativos e inusitados ângulos, os signos que compõem o paisagismo de nossa terra.

Este trabalho congrega textos de alguns escritores regionais, (em sua maioria pertencentes à Academia de Letras da Grande SP, professores, memorialistas, historiadores e jornalistas), todos selecionados segundo os critérios da vivência, do conhecimento sobre o município e da identificação com ele. Pedimo-lhes que escrevessem sobre algum tema que a um só tempo guardasse relação com nossa cidade e lhes fosse pessoalmente relevante. Dessa forma, houve grande liberdade quanto ao assunto a ser desenvolvido.

Certamente o leitor terá a mesma impressão experimentada por nós, funcionários da Fundação Pró-Memória, que, ao organizarmos a obra, notamos a grande diversidade de abordagens e a riqueza de descrições, corolário, evidentemente, do escopo desta obra, qual seja, a formação de um mosaico de sensações particulares sobre um mesmo tópico. Julgamos impressionante a presença de detalhes pitorescos, talvez despercebidos na agitação de nosso cotidiano, mas que, através

do olhar daqueles que têm o dom de falar com a alma, tornam-se especiais.

O resultado dessa coletânea reunida pela equipe foi extremamente positivo. O leitor está sendo presenteado com textos de alto nível, que aludem a peculiaridades de nossa cidade, tornadas ainda mais peculiares no enfoque único e no estilo original de cada autor. Ruas, praças, igrejas, monumentos, símbolos, rios e árvores tomam proporções inéditas, trazendo, mais do que conhecimento, emoções e sensações inusitadas. Provavelmente, caro leitor, o passeio por essas páginas proporcionar-lhe-á a identificação com mais de um texto, seja por uma situação vivida, seja por um local visitado, seja simplesmente por uma lembrança nostálgica.

Esperamos despertar os olhares dos cidadãos para a importância do que é nosso. Não basta olhar, é preciso enxergar. Os atropelos do dia-a-dia tendem a fazer com que deixemos de admirar as belezas que nos cercam. Eis uma boa oportunidade de aguçar os sentidos e descobrir a graça e o encanto presentes nas entrelinhas das obras.

Boa leitura!

Sonia Maria Franco Xavier
Presidente da
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



...o futuro chegou e passará, amadurecerá, será presente...

Di Thiene

Cláudio Rogério Braco
Membro da Academia de Letras
da Grande São Paulo

Cantigas e cirandas européias,
Barulhos e ruídos dos confins,
Nativos sons, estalos, retintins,
Eis São Caetano em onomatopéias:

Apita, sacoleja, serpentea,
Café com pão, café com pão, café
com pão, café com pão e pocha o pão

12 Cantos e Recantos de São Caetano

e pocha o pão e pocha o pão e pocha....
Sacode, resfolega, até a estação
E pocha o pão no vinho tinto e pocha
o pão no vinho tinto e pocha o pão
e pocha o pão e pocha o pão, piuííí...

No desembarque, as muitas gargalhadas,
As gesticulações e o falatório,
Quebraram o silêncio merencório
Das escassas famílias instaladas.

Com as vestes desfeitas e surradas,
Olhares simples e a energia rota,
Chapinharam a lama escura, ignota,
No frenético ritmo das pisadas.
Trouxeram os seus rumos encarnados
Para o âmago pastoso desta terra,
Uma ansiedade líquida que aterra
E sonhos sólidos, acidulados.

Da natureza as vozes insurretas,
Ecoavam pela várzea lamaceira
E uma espécie de queixa derradeira,
Revelava-se na alma dos poetas.

As borbulhantes fontes bisbilhavam,
As águas espalhavam com brandura
Os seus murmúrios pela lama escura,
Apenas nas lagoas se aquietavam.
Ramalhavam as árvores e nelas,
Entre as folhas, farfalhos e algazarras,

○ intrigante zunido das cigarras
E o gorjeio das aves tagarelas.
A chama, o canto, as dobras e o trinar,
Bem-te-vis, corruíras, tipiós,
Chinchiribins, tizius, pixoxós
e o sabiá sabia assobiar.

Enquanto muitos rolimãs rilhavam
E entre as nuvens, balões silenciosos
Opunham-se aos rojões estrepitosos,
○ grilo e o gafanhoto estribilhavam.

Ouviam-se de todos os quintais,
Em meio aos cucuricos e fraquejos,
Latidos, miados, cuinchos, carcarejos
E o sonífero arrulho dos pombais.
E para retinirem os talheres,
○ crepitar do fogo escachoava
○ cozimento e o bife rechinava,
Sob o vozerio das mulheres.
Antes de trapearem nos varais,
As roupas bem lavadas e embebidas,
Batidas, enxaguadas e torcidas,
Soltavam gorgolejos agonais.

Nas ruas, os anúncios costumeiros:
- "Oveiro...ovos frescos". - "Carvoeiro".
- "Batata-doce assada". - "Sorveteiro".
E nos portões os gritos dos carteiros.
Barulhos, sons, ruídos e festejos,
Bate-bola, fanfarra, serenata,

14 Cantos e Recantos de São Caetano

Quadrilha, esconde-esconde, mãe-da-lata,
Cirandas, cirandinhas, realejos.
Entre os sons saborosos dos doceiros,
Buzinas fonfonavam com desleixo,
Triângulos soavam:- *quebra-queixo*
E o alegre matracar dos beijueiros.

De manhã, empregados vozeavam,
Eram muitos e sobre os ombros vários,
Levavam suas vidas de operários
As costas doloridas arqueavam.

Com as vestes iguais, sempre impecáveis,
Da fábrica ao chamado obedeciam,
Rumores, nas pisadas, que se ouviam,
Eram a força e o orgulho inestimáveis.
Levavam os seus sonhos condensados,
Para o convívio humilde dos amigos
Todos os pesadelos e perigos,
Pareciam vapores dispersados.

Crianças, brados, sátiras complexas,
A caminho da escola - Que algazarra!
Umas iam por bem, outras na marra,
Com suas brincadeiras desconexas.

A fábrica apitava ao meio-dia,
As pisadas famintas e pesadas,
Buscavam as comidas requentadas,
E o resto da cidade ... Que apatia!

O futuro chegou e passará,
Amadurecerá, será presente,
Mas sempre há de parecer ausente,
Depois, como uma fênix, voltará.

Que saudades daqueles sons de outrora,
Das crianças gritando *tiniqueiro*,
Das fogueiras, do amolador gaiteiro,
Do passarinho anunciando a aurora.

... e vem e vai e vem e vai e vem...
Do Centro à Fundação - Prosperidade,
Eis que aos outros bairros da cidade,
O vento leste esparge o som do trem.

Com nossos trajés simples, variados,
Olhares de esperança, vacilantes
E os corações tementes, palpitantes,
Andamos, sobre o asfalto, entusiasmados.
Levamos nossos rumos arraigados,
Para dentro de nós, em lugarejos
Escondidos na mente onde os desejos
Mais profundos estão embrionados.

Às vezes, na penumbra, sons profanos,
Prolongando-se açoitam os ouvidos,
Gemidos, gritos frios e rangidos,
Dilaceram os tímpanos urbanos.
Outras vezes, fantasmas flagelados,
Arrastando correntes pelas ruas,
Apavoram as nossas almas cruas
E quebram os silêncios eclipsados.

Oh! Esses sons da velha di Thiene
e do Tijucuçu, o barro escuro!
Vêm do passado e vão para o futuro,
Tudo bem! *Todo bien!* e *Tutto bene!*

Enquanto pelas ruas skates rilham,
No espaço aéreo ovis silenciosos,
Opõem-se a aviões estrepitosos
E a helicópteros e aves que estribilham.
Zunem as balas, roncam os motores,
Ladram os cães, malham britadeiras,
Disparam as sirenes corriqueiras
De variáveis sons dispersadores.

Quis a Divina e Eterna Providência,
Espargir sobre nós a luz perene
Do Amor ... como é feliz nossa existência
Na paz de São Caetano di Thiene!



Yolanda Ascencio aos
sete meses de idade

Saudade de mim!...

Yolanda Ascencio
professora, pedagoga,
advogada, escritora, poetisa

Caro amigo leitor, como é difícil abrir as comportas do passado, para que as lembranças mais queridas nos jorrem dos olhos e do coração. Há quanto tempo me vai na alma o desejo de lhe falar sobre minha infância em São Caetano, infância já tão distante, lá pelas décadas de 30 e 40, mais precisamente, de 1935 a 1945. No entanto, sempre que tento fazê-lo, (e isto já aconteceu inúmeras vezes), encontro um bloqueio que não consegui transpor até agora. Não sei se é a saudade de meu irmãozinho Vadô, meu melhor amigo daquela

época, saudade de mim mesma, ou ambas. Neste momento mesmo, estou divagando, talvez correndo o risco de parar por aqui. Entretanto, desta vez, hei de enfrentar e vencer esta barreira, ainda que para derramar algumas lágrimas de emoção e de carinho.

Nasci em São Caetano, em 1935, na rua São Paulo nº 10, numa casa de cômodos alugados. Cheguei ao mundo com a ajuda da parteira dona Ana, quando mamãe tinha apenas 17 anos e papai, 19. Segundo mamãe nos contava, a proprietária desta casa, dona Francisca, vendia leite. Não me recordo dos detalhes, mas nunca me esqueci de que dona Francisca, com a mesma concha, enchia as panelas das freguesas e batia na cabeça do gato que queria beber o leite do latão.

Moramos, depois, sempre pagando aluguel, na rua Alagoas, fundos da casa de dona Silvestre que, conforme informação de mamãe, tinha um piano, no qual eu gostava muito de mexer. Quando mamãe queria saber onde eu estava, bastava verificar se meus tamanquinhos se encontravam na porta de dona Silvestre. Minha jovem mãe, então, se tranqüilizava, talvez imaginando que eu seria uma grande pianista mais tarde. Realmente, no colégio interno, acabei estudando teoria musical e piano, durante vários anos, mas não tinha talento para tocar nem para cantar, embora sempre tenha gostado muito de música, apenas para ouvir, é claro! Foi nesta casa da rua Alagoas, quando eu tinha três anos, que nasceu meu irmão, Salvador Ascencio Filho (Vadô).

Moramos, depois, por pouco tempo, na rua Caputira (atual rua Nossa Sra. de Fátima), casa de nossa avó paterna, casa à qual pretendo me referir mais adiante.

Quando eu tinha quase cinco anos, fomos morar na rua Maranhão, nº 411, também numa casa de cômodos, alugados pela proprietária, dona Isabel. É desse lugar, onde nasceu minha irmã Neusa e, mais tarde, perdi a visão, que guardo as mais doces recordações de infância.

Por falar em nascimento, não me lembro de ter visto minha mãe grávida, e nem ela nos dizia que íamos ganhar mais um irmãozinho. Quando o bebê chegava, só queríamos saber quem o trouxera. Mamãe, então, nos explicava que a cegonha entregava os bebês a algumas senhoras, chamadas parteiras, que os levavam, num cestinho, para cada mamãe. Assim, eu viera com dona Ana; meu irmão, com dona Catarina; minha irmã, com dona Miquelina. Aceitávamos a história da cegonha sem questionar. Como as crianças de nosso tempo eram mais felizes que as de hoje! Já nascem sabendo de tudo e não desfrutam, portanto, as fantasias da infância.

Dona Miquelina, a parteira, era também encarregada dos benzimentos. Volta e meia, lá estávamos nós, com a faixa embaixo do braço, indo para a casa de dona Miquelina, que nos benzia de "bucho virado". Ela nos fazia uma massagem na barriga com um preparado e nos enfaixava. Meu irmão era campeão em "bucho virado" que, até hoje, não sei o que vem a ser.

Acreditávamos piamente na existência do Papai Noel.



Yolanda Ascencio com seus pais, Salvador e Idalina, em estúdio fotográfico no ano de 1936

Não sei como, ele entrava pela fechadura com burrinho e tudo. Ao entrar, enquanto dormíamos, deixava os presentes e encontrava água e alfafa para seu burrinho, que devia estar faminto e cansado. Os brinquedos de madeira (carrinhos, caminhas e cadeirinhas para boneca) eram feitos por papai. Tão bem lixados e pintados que pareciam ter vindo de uma boa loja. E os bonecos? Na maioria, de pano e com a cabeça de massa. Tive um boneco preto, todo de massa, com um calçãozinho amarelo. Chamava-se Sebastião. Eu o adorava, mas não sei que fim teve. Em meu aniversário de cinco anos, ganhei um pianinho de cauda do sr. Oswaldo Falchero, dono da Pan. Ele também achava que eu seria pianista. Por que será? O fato é que gozei, ao máximo, todos os meus brinquedos. No entanto, a vida não era feita só para brincar. Meu irmão e eu também tínhamos várias tarefas, como, por exemplo, mexer o mingau de minha irmã Neusa. Éramos escalados por mamãe para mexer o tal mingau. Não lembro por quanto tempo, mas era muito, meu Deus! Vadô sempre deixava mais tempo para mim. Acabávamos brigando e, na maioria das vezes, a panelinha virava, derramando o mingau no fogo. Vinha castigo, na certa, para os dois. Outro trabalhinho chato era abanar o fogo de carvão, mas gostávamos bastante das batatas assadas nas cinzas.

Com seis anos de idade, era eu que fazia as compras diárias da casa. Ia à venda de Paulo, ao bar de Fortunato, à padaria da Paca (onde havia deliciosos "mantecaus"), ao açougue de seu Gaspar Barontine e dona Beatriz, sempre com meu irmão Vadô ao lado. Às vezes, ele, muito gordinho, ficava cansado e se sentava na calçada. Não me restava outra saída. Sentava-me ao lado dele e esperava, pois não podia carregá-lo. Não era sempre que as coisas corriam bem. Os acidentes

também aconteciam. Uma vez, foi o pacote de arroz que se rompeu, caindo todo o conteúdo na terra, pois as ruas não eram asfaltadas ainda. Outra vez, deixei cair a garrafa de vinagre, que se quebrou. Paulo ficou com pena de nós e nos deu outra garrafa. Na maioria das vezes, porém, dávamos conta da tarefa. Todos os dias, íamos buscar leite na chácara de dona Assunta. Não consigo localizá-la agora, mas me parece que ficava na atual rua Peri. Numa dessas voltas, uma grande tempestade me pegou no caminho. Larguei os tamancos na rua e corri pra valer. Precisava chegar em casa rapidamente, pois um lindo arco-íris viria depois da chuva. (Você reparou que eu gostava de usar tamancos?) Os adultos diziam que o arco-íris, também chamado arco-da-velha, engolia crianças mal comportadas. Não me achava mal comportada, mas tinha medo, muito medo mesmo! Por outro lado, me admirava de que uma coisa tão linda como o arco-íris pudesse engolir crianças; mas acredite.

Após a chuva, já a salvo do arco-íris, represávamos, com um dique de barro, a água que corria abundante pela valeta junto à calçada. Uma multidão de barquinhos de papel deslizavam contentes, carregando talvez nossos sonhos. Aliás, é o que sabíamos fazer muito bem: sonhar!...

Lembro-me de que a casa de cômodos da rua Maranhão tinha um longo corredor: de um lado, as casas; de outro, um muro alto que dava para um terreno vazio, onde as



Salvador Ascencio Filho e
Yolanda Ascencio (1941)

crianças da redondeza se reuniam para brincar. Na casa da frente, morava João Safrani; no meio, dona Isabel na terceira casa, nós. Junto à nossa cozinha ficava o poço e, depois dele, um grande quintal: chão de terra, muitas árvores frutíferas e flores. Bem lá no fundo do quintal ficava a chamada "casinha".

Todos os dias, ao entardecer, eu fazia do muro meu posto de observação. Sentada lá em cima, ficava olhando o céu: infinitamente azul, as nuvens branquinhas, passeando pra cá e pra lá. Ficava encantada com tantas formas de nuvens. Ao longe, o pôr-do-sol. Eu achava que o céu estava pegando fogo. Na linha do horizonte, com a impressão de que nuvens e terra se encontram, eu imaginava que a porta do céu deveria ser ali. Abrindo-se a porta, pensava eu, uma grande escada subiria até Deus.

Outro fato que me fascinava era a lua andando com a gente. Não me conformava com isso. Um dia, decidi enganar a lua. Entrei numa passagem coberta (não me lembro onde), esperando que, ao sair do outro lado, a lua não estaria lá. Entretanto, qual não foi a minha surpresa: ali estava ela, tão grande e linda, me esperando!... Pelo jeito, eu já era poeta naquela época, você não acha? Ou, quem sabe, Deus me concedia o privilégio de desfrutar, ao máximo, o pouco tempo de visão que me restaria.

É muito gostoso recordar que nossos amiguinhos de brincadeiras, conscientes ou não do fato, não me trataram de forma diferente, quando perdi a visão, com sete anos de idade, ainda na rua Maranhão. Meu irmão Vadô e mais um deles me davam a mão e corríamos pra valer. Sem problemas da parte deles nem da minha, continuei participando de todos os brinquedos: pular corda, boca-de-forno, bola-atrás, passa-

passa- três-vezes, amarelinha, barra-manteiga, cantigas de roda, passa-anel, cabra-cega, unha-na-mula... Quantos prazeres de fato e de direito!...

Há pouco tempo, encontrei-me com uma amiga daquela época, Luíza, que me contou algo que eu não sabia. Quando brincávamos de cabra-cega, as crianças achavam que eu, por não ver mesmo, não precisava vendar os olhos. Meu irmão, porém, exigia que eu também usasse a máscara. Mal sabia ele (ou talvez soubesse) que aquela máscara desnecessária me fazia tão feliz!...

Que boas recordações ficaram de nossos amiguinhos da rua Maranhão, todos moradores do quarteirão: meninos e meninas, brincando juntos, na rua, mesmo à noite, sem perigo algum.

Falando em perigo, brota uma outra lembrança: as árvores. Que delícia subir nelas e colher as frutas: ameixas amarelinhas e doces, caquis, pêras de inverno... Valia a aventura de subir árvore acima, sempre meu irmão e eu. O único receio era que dona Isabel aparecesse e nos pegasse em flagrante, chupando suas ameixas; mas será que eram só dela mesmo? Estavam bem em nossa porta, olhando para nós. Portanto, eram nossas também. Certo dia, Vadô e eu cortamos, com a machadinha que tínhamos levado para cima, o galho em que estávamos sentados e só percebemos o acontecido quando deitados no chão duro de terra batida. Como não nos



Idalina Zaia Ascencio e seus filhos: Yolanda (8), Salvador (5) e Neusa (1). Ano 1942

machucamos, ninguém precisou saber, nem mamãe, que nos teria dado algumas palmadas bem merecidas pelo perigo corrido.

Perigo lembra medo! Já lhe contei alguma coisa sobre o nosso medo de arco-íris, mas gostaria de lhe falar também sobre o medo do *blackout*. Se, por um lado, as crianças de nosso tempo, pouco ou nada informadas, tinham mais imaginação, por outro lado, sofriam por medos que hoje inexistem.

Era tempo de guerra. Muitas vezes, à noite, todas as casas eram fechadas. Ninguém podia acender luzes. Mamãe usava uma pequena vela para se orientar. Ela vedava as janelas com cobertores, para que a escuridão lá fora fosse total. De repente, o silêncio era rompido pela passagem de aviões muito barulhentos. Que medo, meu Deus! Achávamos que era a guerra. Só mais tarde fui saber que se tratava de um treinamento, caso a Segunda Guerra Mundial chegasse ao Brasil, o que não aconteceu, felizmente! Foi um alívio quando ouvimos, sem entender muito bem, todos os adultos anunciando: *A guerra acabou... A guerra acabou!...*

E com o fim da guerra, voltemos às recordações agradáveis.

Todas as tardes, eu ia à casa de minha avó paterna, dona Maria dos Remédios, e de minha tia Trindade, que moravam numa casa muito grande, com jardim e pomar. Ficava na rua Caputira, esquina com a rua Gonzaga, bem em frente do atual Hospital Beneficência Portuguesa. Saía de minha casa, na rua Maranhão, subia o quarteirão e dobrava à direita. Ali na esquina, a lojinha de dona Letícia, em cuja vitrina eu namorava uma linda boneca vestida de noiva. Dei-lhe o nome de Laiz. Foi

uma grande surpresa para mim receber aquela boneca, como presente de aniversário, pois achava que papai jamais poderia comprá-la. Imagino, hoje, que sacrifício meus pais fizeram para me dar Laiz. Após a lojinha, já na rua Caputira, adorava admirar a cerca da casa de dona Letícia: toda forrada de madressilva. Do outro lado, a lojinha de dona Cristina. O marido dela, Joaquim, vendia carvão, que eu também ia comprar sempre para nosso fogão. Na esquina seguinte, de um lado, a venda de Paulo, e, de outro, o bar de Fortunato. E lá ia eu, gravando cada detalhe das casas, talvez uma forma de não me perder no caminho. Enfim, a casa de vovó: dois portões, um grande e um pequeno. Este dava entrada à casa. A casa era grande, com muitos e amplos cômodos, mas eu gostava mesmo é dos jardins, que eram dois: retangulares, cercados de buxo, repletos de flores coloridas. Mais ainda me atraía o pomar, lá no fundo, com um tanque cheio de patos se banhando e uma multidão de árvores frutíferas: caqui preto, pêra dura, que delícia!

Lembro-me, como num *flashback*, abrir-se a porta da cozinha de vovó e sair de lá uma grande cachorra branca, abanando o rabo. Chamava-se Suzi.

Minha tia Trindade era modista. Costurava para todas as senhoras da alta sociedade de São Caetano. Era tão bom vê-la trabalhando. No Natal, eu sempre ganhava um vestido feito por ela. Era o vestido novo de cada ano.



Idalina e sua filha Yolanda no quintal da casa da rua Caputira, 187, atual Nossa Senhora de Fátima

Ao fim da tarde, retornávamos à casa, meu irmãozinho e eu, sempre juntos, e juntos também nos submetíamos à chantagem de papai: *se não chorarem para tomar injeção, vão ganhar um sapato novo*. E lá íamos nós para a farmácia de Diriges, na rua Amazonas, tomar injeção. Por um sapato novo, valia a pena tomar injeção sem chorar.

Caro leitor, mergulhei, de tal forma, no passado, que acabei me esquecendo de que você, a essa altura, deve estar cansado desta conversa. Espero que me desculpe se a redação ficou comprometida pela emoção, se as idéias não foram tão bem ordenadas. Responsabilizemos, por isso, a saudade!

Para que esta crônica não fique incompleta, gostaria de lhe contar, finalmente, que minha irmã Neusa não participou de nossas aventuras infantis por ser muito pequena ainda, na época. Quando ela começou a brincar, em 1946, eu fui para o colégio interno, e uma nova fase de minha vida começou. Quem sabe, um dia, também possamos conversar sobre isso... Numa outra crônica, talvez!...

Por hora, se você se identificou comigo, em algum momento, segure minha mão entre as suas, como meu irmão costumava fazer, ou me empreste seu ombro amigo, para que eu possa chorar de saudade de mim!...



Cidade da Criança
...memórias do passado invadiram minha mente...

Só mesmo em São Caetano!...

Neli Guiguer
dentista e escritora

Nasci, cresci, montei meu consultório dentário e me casei em São Caetano do Sul, porém, após casada, precisei mudar de cidade, embora continuasse a trabalhar aqui.

Assim que convenci meu marido a voltarmos a morar em São Caetano, meu coração exultou de alegria. Finalmente encontramos uma casa agradável, porém, antiga. Fechamos o contrato e começamos, com a ajuda de um arquiteto, a reformá-la.

Em frente a minha casa havia um barbeiro, que trabalhava ali pelo menos há uns 30 anos. Certo dia, meu marido estava sentado na cadeira, aparando a barba, quando um se-nhor de 92 anos cumprimentou a todos e sentou-se, aguardando sua vez. Conversa vai, conversa vem, o dono da barbearia apresentou meu marido como o novo morador do bairro. E qual não foi sua surpresa quando ficou sabendo que esse senhor de 92 anos era irmão do antigo e falecido proprietário da casa que havíamos comprado e que, pasmem, ajudara a construí-la.

O assunto passou a girar em torno da construção da nossa casa, e, por várias vezes, esse senhor de 92 anos visitou a reforma, mostrando aos nossos pedreiros por onde passavam canos e fiação. Ninguém acreditava quando eu contava.

Enquanto vínhamos avaliar a reforma, ansiosos para mudar, eu conhecia o novo bairro: os vizinhos, as ruas próximas, o comércio local etc.

Foi nessas idas e vindas que conheci o dono do açougue que fica na esquina de minha casa. Um senhor alegre, falante e muito animado. Seu açougue é o ponto de encontro dos amigos do bairro. Meu pai costumava dizer que os amigos encontram-se nos bares; pois bem, aqui os amigos encontram-se no açougue. Ficam horas sentados, conversando, relembando casos e histórias.

Certa vez, minha empregada foi comprar carne para o almoço. Como demorava muito a retornar, resolvi ir atrás dela. Quando cheguei ao açougue, lá estava ela, parada em frente ao balcão, aguardando a volta do açougueiro, que havia ido até a padaria, na esquina do outro quarteirão, tomar um café. A empregada, admirada, comentou sorrindo:

- Só aqui para alguém deixar um comércio aberto e sozinho para ir tomar um café... Onde eu moro, já teriam sumido com tudo o que tem aqui dentro.

Sorri e concordei. Realmente, ela havia captado, em sua humilde frase, a essência do que eu vinha sentindo: *Só mesmo em São Caetano!...*



Cidade da Criança
...lá estavam eles correndo e brincando...

Como nos mudamos próximo do feriado de sete de setembro, resolvi levar as crianças ao desfile do Dia da Independência. Achamos um lugar bem próximo ao palanque do prefeito. Meus filhos queriam saber o porquê desse lugar em especial, e eu explicava que, diante das celebridades, sempre havia surpresas reservadas. A atmosfera cívica tomava conta do ar.

Quando a banda começou a tocar ao longe, uma satisfação encheu-me o peito. Recordei-me de quando, ainda menina, desfilava pelo Externato Santo Antônio, onde estudei até a 4ª série. Meus filhos assistiam ao desfile, encantados, e eu notava alegria nos olhos deles. Acho muito importante resgatarmos valores de civismo em nossas crianças.

No entanto, na semana seguinte, quando contei, para alguns amigos de outras cidades, que estivemos num desfile de sete de setembro, muitos acharam engraçado e outros fora de moda. Que pena! Mal sabem eles da importância do valor cívico para o progresso de um país. Novamente aquela frase pontuou minha mente: *Só mesmo em São Caetano!...*

Conheci minha vizinha dias depois. Na época, uma senhora de 72 anos, descendente, de alemães, casada com um senhor de 78 anos. Simpáticos e agradáveis, não mediam esforços para que nos sentíssemos à vontade no bairro. Contavam sobre as curiosidades dele, dos vizinhos, sobre os problemas da feira em nossa rua. Apresentavam-me a seus amigos como sua nova vizinha.

Contou-me a senhora como era o bairro quando, ainda menina, mudou-se para ele. Quase todo cheio de moradores alemães. Falou-me da fonte de água na esquina, dos bailes do Zepelim (uma hospedaria e restaurante típico alemão, que ficava na outra esquina), das comidas típicas que serviam e da hospedagem dos primeiros executivos da então mais nova empresa da cidade: a GM.

Comentei com meu marido que achava muito interessante saber da história do bairro pelos próprios moradores, e, desta vez, foi meu marido que, rindo e sem conhecer minha frase predileta, exclamou:

- *É, essas coisas só acontecem mesmo aqui em São Caetano.*

Prometi a meus filhos que os levaria para brincar na Cidade da Criança e adiantei-lhes que eu também brincara muito por lá, na minha infância. Num domingo, lá estavam eles correndo e brincando incansavelmente pelo parque. Sentei-me num banco e passei a observá-los, feliz com a alegria contagiante deles.

Não demorou muito, memórias do passado invadiram minha mente. Sentindo-me com meus dez anos, comecei a reparar nas diferenças do parque. Minha primeira lembrança foi o enorme escorregador. Sorri por conseguir desenhá-lo inteiri-nho em minha mente. Lembrei-me das

emoções ao escorregar. Recordei-me do zoológico....

- *Zoológico!*... Exclamei baixinho.

- *Nossa, nem lembrava mais que havia existido um aqui, pensei.*

Caminhei com meus filhos até o antigo local e comecei a mostrar-lhes e descrever-lhes o que minha memória conseguia lembrar. O local estava diferente. Os buracos que antes serviam de moradia para os bichos estavam repletos de plantas agora. Conte-lhes que acariciava o bico do tucano, que sempre se achegava à grade

Havia uma gralha que, quando eu me aproximava, gritava bem alto, e eu a imitava igualmente alto. Como que me respondendo, ela tornava a gritar. Ficávamos assim, num dialeto que só ela compreendia. Minhas amigas queriam saber como eu conseguia imitar o som tão perfeitamente. Confesso que nem eu sabia. E, dando de ombros, continuava. Divertiam-me as caras de espanto das pessoas e de crianças menores chamando seus pais, para mostrar a menina que falava com a gralha.

Mostrei-lhes, ao lado do parque, a escola em que estudei, o antigo vocacional ou Santa Maria (hoje, Eda Montoanelli). Finalmente, meus filhos se cansaram da minha nostalgia e me deixaram sozinha num banco, enquanto, correndo e mudando constantemente de brinquedos, gastavam suas energias.

Certa vez, estávamos na estação do outono e fazia mais de duas semanas que não chovia, a terra estava bem seca. Caminhando pela rua Nazaré, repleta de gramas e flores, vi, em plena tardinha, um morador com sua mangueira estendida pela rua até o outro lado. Regava com apreço as flores e os arbustos públicos. Passei com meus pneus sobre sua mangueira estendida e cheguei a me emocionar com uma cena tão simples, tão

singela. Onde mais o próprio morador cuidaria das plantas públicas com sua própria água? *Só mesmo em São Caetano!...*

Num domingo, fomos almoçar numa padaria na vila Gerty no bairro Nova Gerty. Ao sentarmos observei um grande painel com fotos da Fundação Pró-Memória. Como sou apaixonada por fotos antigas, aproximei-me para analisá-las. Uma das fotos mostrava a primeira turma de formandos do complexo anexo ao Externato Santo Antônio, padre Luiz Scrozoppi, (a primeira turma do ginásio), e, por acaso, lá estava minha irmã mais velha. Meus filhos exultaram ao ver a tia ainda jovem de uniforme até os joelhos. Chegando em casa, a primeira coisa que fiz foi contar a ela, que mora no interior de São Paulo.

- *Quanta saudade!*, deixou escapar do outro lado da linha.

Inteirando-me cada vez mais de meu bairro e da cidade, descobri que meus filhos poderiam fazer o esporte que quisessem. Era só se inscrever, num dos clubes da cidade, em cursos totalmente gratuitos para os moradores. Além deles, computação, teatro, inglês ou outras línguas. Quanto mais me informava, mais envaidecida e orgulhosa ficava com a cidade. O mais importante é que esses cursos aproximam as pessoas de classes sociais diferentes, e isso é ótimo, é a real integração, é a educação aproximando pessoas, dando oportunidades e transformando todos em cidadãos "incluídos" (chega de excluídos). Novamente pensei: *Só mesmo em São Caetano!...*

Certa vez encontrei minha vizinha caminhando, com a dificuldade de sua idade, com uma tigela na mão. Explicou-me que havia feito chucrute e que o açougueiro adorava-o. Todas as vezes que fazia essa comida típica de sua terra, oferecia-lhe uma porção. Ajudando-a a caminhar, vi os olhos do

açougueiro brilharem olhando para a iguaria. Confidenciou-me que se deliciava todo, adorava aquela comida e já havia tentado fazer várias vezes, mas nunca ficava igual:

- *Coisas de mão mesmo*, completou.

Sorri com seu comentário. Hoje em dia, com esse corre-corre, muitos, trancados dentro de apartamentos, mal conhecem os moradores do próprio prédio. Poucas pessoas se incomodam com seus vizinhos, e quase ninguém se preocupa de fazer-lhes um agrado. E novamente a frase ascendeu a minha mente: *Só mesmo em São Caetano!....*

São Caetano do Sul ainda tem um ar bucólico de interior, e seu comércio reflete isso. Nele, normalmente, são os próprios donos que trabalham; isso, claro, gera vantagens e desvantagens. Por exemplo, na primeira compra nos sentimos incomodados pela presença do dono no estabelecimento, pois, se não somos bem atendidos, não há com quem reclamar. Porém assim que nos tornamos fregueses, as coisas mudam: o atendimento passa a ser preferencial e totalmente amigável. O dono torna-se seu amigo e ambos passam a se conhecer melhor, trocar idéias e até serviços.

Estou feliz por morar aqui. Espero continuar e espero que meus filhos sintam o mesmo respeito que moradores antigos e novos sentem pela cidade. Quiçá todo esse sentimento um dia se espalhe pelas várias cidades do Brasil.

Embora São Caetano do Sul seja a cidade da América Latina com a maior renda "per capita", com todas as ruas pavimentadas, isenta de favelas e com infra-estrutura similar à das cidades do primeiro mundo, para mim o maior diferencial é que ela guarda, no seu convívio social, atitudes que lembram as de uma cidade *interiorana*. Por isso, afirmo: *Só mesmo aqui em São Caetano!...*



A imagem de São Caetano com o menino Jesus batiza e abençoa lá do alto, a cada dia

Viver, viver ! Páscoa no parque Chico Mendes

Celso de Almeida Cini
advogado, pesquisador, memorialista da
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Foto: Celso de Almeida Cini

Os anos passam, voam, mas sempre me lembro do encanto e poesia da Páscoa da minha infância. As recordações são contínuas. As lembranças sugerem imagens, sons, cores, aromas. No Sábado de Aleluia, perto do meio-dia, meu pai dizia a nós, filhos: - *Vamos, vamos lavar o rosto, para renascer. Não*

enxuguem; é como um novo batismo; é o renascimento, a ressurreição! Vamos! E todos seguíamos aquele seu gesto e ato simbólicos. E, no domingo, de madrugada, com aquele ar fresco do alvorecer, céu colorido, aroma de pinho e eucaliptos no ar, emanado do arvoredado próximo, seguíamos com minha mãe para a procissão da Ressurreição na Igreja do Senhor do Bonfim, no parque das Nações, em Santo André, naqueles longínquos anos do final da década de 40 e princípios de 1950. Ovos de chocolate, nunca víamos. Mas eu me lembro de como apreciava os ovos de Páscoa pintados, ornados de ricos desenhos coloridos, com que as famílias européias do bairro presenteavam seus filhos no Domingo da Ressurreição. Depois, nosso almoço bom em família, carnes cheirando a manjerona, mas sem a fartura que só conheceríamos mais tarde . . .

Hoje, Domingo de Páscoa de 2005, passados tantos anos, estou ensimesmado com aquelas recordações e imagens, (vindas de casa, daquele tempo), de visita ao Espaço Verde Chico Mendes com filhos e netos. As crianças, encantadas pela novidade do rico ambiente ecológico, gorjeiam como pássaros e correm livres, soltas, alheias à paisagem gloriosa, mas ligadas nos sons, nos jatos d'água da múltipla fonte central e na agitação da vida infanto-juvenil que as cerca. Já, para mim, é o descortinar de um mundo de emoções quase-verdes, cheirando a resina de pinho, de araucárias imaginárias, substituídas pelos cedrinhos, como o abeto azul. Estamos sob a fronde do arvoredado que protege a trilha dos caminhos do *pedicross*. É o desfrute da qualidade de vida tão mimada e apregoada pelos ecologistas do século XXI, que se revela e se oferece aos que buscam a paz e a meditação que o parque Chico Mendes oferece desde cedo, no amanhecer.

Com o olhar paciente, piedoso e contemplativo, a imagem de São Caetano com o menino Jesus batiza e abençoa lá do alto, a cada dia, a cada hora, os recantos que dão vida à imensidão do parque: os pequenos penedos, os rochedos, os arvoredos, o passaredo, o lago e suas carpas coloridas, a praça maior e sua fonte de universos terrestres, o coberto urbanizado e protetor para os caminhantes da sombra, os vôos altos de um imaginário condor nos espaços aéreos que circundam a área de exposições (com aquela beleza de *Traços e Trilhas* a nos sugerir o *Caminho do Mar* tão histórico e distante); e a benção prossegue alcançando o Palácio da Cerâmica e seus estacionamentos, as cancelas, parte da cidadela e a ruidosa movimentação dos frequentadores. E esse batismo se produz com aspersão das águas mansas da cascata. Enquanto isso, cismador e meditativo, vou percorrendo calmamente a beira alta cujos caminhos circundam a carismática imagem do santo obreiro que deu nome à cidade. A elevação forma agradável mirante, um *bellosguardo* (bela vista) a descortinar o panorama de todo o parque, como se fora visto de alto castelo.

Pássaros multicolores e canoros nos rodeiam: são maitacas verdes a tagarelar ruidosamente em *assembléias*, sabiás graúdos, peito de cobre, que aguardam julho/agosto para demarcar território com seu canto metálico, bem-te-vis atrevidos em sua repetição gritante, um joão-de-barro escandaloso fazendo a corte à fêmea e buscando material para sua casa, sanhaços verde-azulados com seu flautim dobrado buscando frutas silvestres, e o punhado dos popularescos pardais predadores, todos trazendo seu canto matutino no dilúculo precursor do rei sol. Um par de rolinhas, silenciosas e assustadas, voa humilde, a fêmea de raminho ao bico

anunciando que a incipiente família vai crescer. Princípios de outono. É o crepúsculo matutino que, em março e abril, pinta de rubro-azul-dourado a fímbria das nuvens que antecedem e anunciam o dia claro, tingindo o firmamento de cores vivas: um verdadeiro arco-íris mutável. A origem, imaginária naturalmente, das tintas e cores que darão vida aos ovos desenhados e coloridos da Páscoa, desses que as famílias europeias, especialmente ucranianas, alemãs, austríacas, húngaras, que formavam parte da população de São Caetano e do resto do ABC, no tempo da minha meninice, davam às suas crianças, explicando-lhes, ao apontar as cores do céu matutino, *meninos, com aquelas tintas e cores Papai do Céu pintou os ovos que apareceram em suas cestinhas trazidos pelos anjos da Páscoa!...* Bons tempos. *O ovo quer signi-ficar a garantia do renascimento e da continuidade da vida!*

Hoje, o parque Chico Mendes transmite-nos outra linguagem. São as palavras e imagens sagradas da natureza, céu tingido de cores, muito verde, vida e água, de mistura com os sons e visões da urbanização, a saudar a Páscoa da Ressurreição. Uma obra de arte divina. Os pássaros ainda se comunicam com a mesma linguagem universal. Quantas gerações de pássaros terão se sucedido até chegarmos onde estamos? Fugaz, um pensamento me assalta: que incrível, no meu tempo de criança isto era só um barranco feio e abandonado, onde mais tarde surgiu a Cerâmica São Caetano. Daí ao Palácio da Cerâmica houve um longo caminho de lutas, sacrifícios, trabalho e vocação de artista. Genial! Sim, geniais as idéias e ações que converteram o local inóspito em tão aprazível oásis de lazer, mantido ainda o local de trabalho! A visão do Palácio da Cerâmica, tijolos aparentes, lembra-me os saudosos

imigrantes ceramistas em suas olarias. Artífices e artistas do barro. Sua vocação e suas lutas no antigo núcleo colonial estão refletidas nesse palácio.

A cachoeira empresta um som alegre e agradável, de água limpa, à paisagem verde e ao colorido das flores multicores que enfeitam o parque. Todos olhamos para o alto, grimando, com os olhos, penedos e rochedos imaginários, de onde vem a água que ali deságua em chuááá, chuááá....Carpas coloridas se deliciam e deslizam em seu nado sereno desfechando ouro, prata e vermelho, naquele lago ali formado. E que cores! Teriam sido tingidas como foram os ovos de páscoa daquele tempo? Quem sabe?

- *Vovô quem pintou esses peixes?* Pergunta o neto mais novo, Caio.

- *Caio, quem acende a lua e as estrelas de noite?*
Você se lembra?

- *Ah! É Deus, não foi o que o senhor disse?*

- *Sim. Pois então, quem você acha que pintou as carpas?*

- *Ah! Foi Deus; foi, n'é?*

Ele diz isso, buscando minha aprovação no gesto e, ato contínuo, atravessa correndo a grande praça, com as águas de linhas meridianas da fonte, para refugiar-se no arvoredo, lá distante, seguido pelo irmão mais velho, Filipe, e pelo primo Pedro Henrique, todos rodopiando sob a fronde das árvores maiores, agarrados ao seu tronco. Dali disparam para os brinquedos do parque de diversões, onde todos esses nossos pássaros voejam sua infância ruidosa, sem suspeitar que um dia, lá no distante futuro, na mansão do amanhã que nem eu, nem seus pais, conheceremos, eles haverão de lembrar da

magnificência deste parque. E, quando penso que uma das gêmeas, Juliana ou Mariana, vem perguntar-me quem foi Chico Mendes, Mariana se aproxima e indaga:

- Vô?

- Sim, querida.

- Que quer dizer Páscoa?

- Bem, quer dizer passagem. Vem do hebraico "pessach", ou seja, travessia.

- Mas, passagem para onde?

- Ora, passagem, das trevas para a luz, da morte para a vida, da escravidão para a liberdade, do pecado para o estado de graça, da terra estrangeira para a terra prometida...

- Ah! Já sei, vô: passagem de Santo André para São Caetano do Sul?

- Também, também, querida! Literalmente: do estado de filho abandonado para o de filho que se emancipou, lutou muito e venceu sozinho e, agora, que até já foi príncipe, até já perdoou e serve ao pai que o havia abandonado, sabe?

Ela não ouviu a referência final. Até porque não a entenderia. Correria para os brinquedos do parque de diversões e balançava-se alto, muito alto, fazendo com que o pai chamasse sua atenção pelo perigo. Um dia ela saberá e entenderá, quando vier a ler coisas que muitos historiadores escreveram sobre esse tal Príncipe do Municípios. Mas isso, naquela mansão do amanhã, que só eles conhecerão, claro.

E, de repente, Juliana apontou para Mariana a lanchonete do parque, de onde vinha um forte aroma de queijo na chapa quente, que atraiu o sentido olfativo daquelas meninas tão ligadas a lanches. Ambas olharam significativamente para o pai. Mas o pai, cauteloso, segredou-lhes que ainda era muito

cedo, que teríamos um almoço farto em casa, esperando, que deviam curtir um pouco mais o belíssimo parque Chico Mendes, onde tinham vindo pela primeira vez. Correram, então,



Vista geral da praça

para ouvir os sons orientais e ver as coleantes danças do ventre de lindas jovens que se apresentavam no espaço artístico. Mais tarde, todos apreciamos marchas e dobrados executados pela bela e jovem corporação musical composta de moços e moças da cidade. Arte e graça compunham um qua-dro de contagiante en-canto naquele recanto.

Depois, co-mentando com meus filhos, Celso Luís e Álvaro Augusto, a obra artística e cheia de majestade que é o Palácio da Cerâmica, sede da Municipalidade, fomos apreciar de perto aquela elegância arquitetônica emergindo do espelho d'água, sob o olhar oblíquo das *Três Graças*, obra de Adélio Sarro. Insisti que lá, no interior, estava um magnífico gabinete, hoje ocupado por um prefeito jovem e promissor.

Expliquei, então, que São Caetano se encaminha para possuir, em seu patrimônio, obras de arte de valor imperecível. E cada obra importante tem o toque mágico de uma obra de arte ou de grande valor. E que até os romanos já sentenciavam: *Ars longa, vita brevis*. A arte é duradoura, a vida é efêmera, a vida é breve! Desse modo, antes da ressurreição, que a Páscoa relembra, continuaremos vivendo materialmente

nas obras de valor que criamos em vida. Se é arte ou obra de grande valor para a coletividade, podemos perpetuar-nos na memória dos que a apreciam, se não: *assim que o homem morre, começa a ser esquecido (!)*, como assevera Thomaz de Kempis na sua obra perene *Imitação de Cristo*. Por isso, Camões nos diz nos *Lusíadas*: *E aqueles (reis) que por obras valorosas/ Se vão da lei da morte libertando/ Cantando espalharei por toda parte/ Se a tanto me ajudar o engenho e arte*. Vale dizer: graças às obras de valor, esses reis vão se tornando imortais!

O sol já vai a pino no céu azul anil do Espaço Verde Chico Mendes e esquentou muito. As crianças tagarelam e pensam em nadar no lago e, como dizemos que isso é impossível, reclamam que querem comer algo e os pais concordam que já é hora de voltar. Já passa do meio-dia e meia. Então, sob o olhar terno e eterno do gigantesco São Caetano, que lá do alto nos observa como se fosse a nossa *Guarda Soberana*, *pronta p'rá acudir a fraca força humana*, rumamos todos para casa, onde nos espera o lauto almoço familiar de Páscoa com aquele tenro cordeiro e outras iguarias, tudo regado a vinho Messias, lusitano, muito conveniente à data, sem falar nos grandes ovos de chocolate, que as crianças exibirão alegres, porque *a arte pode ser eterna*, mas não mata a fome, e a vida é frágil e facilmente se rende a essas necessidades básicas, de pouca importância, é claro, mas que servem para escapar a uma brevidade ainda maior da existência, da vida, já de si tão curta, mas tão amada de todos nós mortais!



...as badaladas sonoras dos sinos da matriz
resgatam-me destes instantes de ímpias tendências...

Os sinos da Matriz

José Roberto Espíndola Xavier
médico, poeta e membro da Academia de Letras de São Paulo

Ecoam pela praça Cardeal Arcoverde as badaladas vespertinas dos sinos da igreja da Sagrada Família. Suaves e plangentes, anunciam ao centro comercial da cidade o final de mais um dia. Para muitos, o encerramento da jornada de trabalho; para outros, a proclamação de um casamento ou a celebração de uma missa. Para todos, a presença de Deus no seu cotidiano.

Imponente e acolhedora, a Matriz recebe nessa hora uma grande quantidade de fiéis que, mesmo cansados de suas lides, vêm professar sua fé, ofertar orações e fazer promessas em

busca de paz ou mesmo de um milagre.

Assim tem sido desde a sua construção, nos idos da década de 30, e hoje ela se constitui em um dos monumentos históricos mais bonitos da cidade. Impõe-se pela majestade de suas torres que se erguem para o céu, pelas magníficas portas que se abrem para as escadarias e pelo seu átrio que se estende até os jardins da praça. Impõe-se, sobretudo, por ser um marco da religiosidade da corrente imigratória italiana, o mais numeroso substrato na formação das raízes sancaetanenses. Hoje, no entanto, a Sagrada Família é o refúgio de almas das mais diversas raças que coabitam entre nós e têm no cristianismo sua crença religiosa.

Há 30 anos, pela visão privilegiada das janelas do meu consultório, assisto a essa peregrinação diária da nossa gente em busca do alimento espiritual que fortalece suas esperanças, do sopro divino que mitiga suas dores e do amparo nos momentos de descrença e desesperança. Não praticante, fico imaginando a importância da Igreja no equilíbrio social através dos seus dogmas e pregações, em meio aos profundos males oriundos do abissal desnível entre as nossas classes. Rogo para que esta força (diluída através dos séculos) seja conduzida com lucidez e isenção, sem subserviência aos interesses materiais e cuja prática evolua em consonância com os progressos da ciência. Rogo por uma Igreja compromissada, efetivamente, em semear o espírito cristão no seu papel de *Mater e Magistra*.

Absorto em meu filosofar e fitando ainda o templo septuagenário, sou chamado ao trabalho pela voz da secretária no interfone. Soa ainda no etéreo a última badalada do sino quando retorno do transe e percebo que a meteórica velocidade do pensamento me permitira cismar, em poucos segundos, sobre

a importância desse ícone na comunhão entre criaturas e Criador.

Cumprimento o paciente que adentra minha sala. Pálido, face sofredora, é um caso de câncer intestinal avançado que necessita de tratamento cirúrgico com relativa urgência. Já foram feitos todos os procedimentos pré-operatórios e me alongo nas explicações, ansiosamente aguardadas, com o realismo necessário à ética e com a prudência que requer a solidariedade humana. O tempo nos ensina os caminhos do bom senso, mas o convívio com o insólito, com os males físicos no exercício da profissão médica, tende a blindar nossos sentimentos e a nos conduzir ao agnosticismo. As badaladas sonoras dos sinos da Matriz resgatam-me destes instantes de ímpias tendências quando me despertam para o amor e fraternidade. Sou-lhes grato por este chamamento diário quando me convocam à fé, por vezes esmaecida ante as vicissitudes; quando me reintegram ao reba-nho, com a aceitação introspectiva da falibilidade da ciência ante a complexidade da vida.

Não perguntem por quem dobram os sinos da Matriz. Seu coração saberá quando falarem de alegrias ou de tristezas, de prenúncios ou de reminiscências. Em verdade eles dobram por todos nós que acreditamos ser esta uma das muitas maneiras pelas quais podemos falar com Deus. Ouçam a sua mensagem e recebam a energia que deles emana.



Desfile dos atiradores do Tiro de Guerra 277
de São Caetano do Sul

Tiro de Guerra 02-277 (O instrutor da 4ª Turma)

R. Lee di Barcelona
é cronista

Ele chegou manso, quase tímido, vindo do interior do Rio Grande do Sul, trazendo em sua bagagem muita energia, acreditando em seus valores e abrindo-se para o novo que se descortinava diante dos seus olhos.

Uma nova cidade e novas amizades. No peito, os mesmos ideais que o levaram para tão longe da família, onde, quase menino, encheu-se de um orgulho patriota que hoje quase já não existe entre os nossos jovens e partiu em busca dos

seus sonhos.

Não eram apenas sonhos de um militar em início de carreira. Havia algo de mais nobre naquele jovem de vinte e poucos anos, que não demorou muito para ser percebido pelos demais instrutores daquela unidade: uma vida dedicada à formação. Não lhe bastava apenas formar soldados. Sentia a necessidade generosa de formar cidadãos, mostrar àqueles jovens o valor do caráter reto e digno. Não apenas no âmbito militar, mas, principalmente, fora dele. A timidez inicial foi cedendo espaço à conquista da confiança e benquerença daqueles rapazes que chegavam intimidados pelo chamado serviço militar obrigatório. Quantos fariam qualquer coisa para fugir dele...

Lentamente, mas de maneira gradativa, o jovem sargento foi se revelando e, quando percebeu, já fazia toda a diferença naquele espaço frio e formal, onde os gritos e chamadas de atenção exalavam pelo ambiente. E assim, a 4ª turma de atiradores foi ficando famosa. E concorrida.

As notícias costumam se espalhar, e não tardou para que a simpatia e o jeito singular do novo instrutor saltassem os muros altos do TG e ganhassem a cidade. *Sargento Lucca* era o seu nome.

As corridas nas ruas, as instruções de ordem unida, as seções de educação física, os dias de treinamento de tiro em São Bernardo, os ensaios para o desfile de sete de setembro, as Olimpíadas dos Atiradores e as baixas ao final de cada semestre, enfim, tudo era motivo de alegria entre aqueles jovens tão acanhados a princípio e, posteriormente, tão orgulhosos por terem cumprido o seu dever para com a pátria.

Era coisa bonita de se ver a seriedade com a qual

eles marchavam até a antiga *concha acústica* na avenida Goiás, o modo respeitoso como se perfilavam para cantar o Hino Nacional e ouvir os discursos de praxe, o orgulho nos olhos de cada um ao fazer o solene Juramento à Bandeira e, depois, a emoção da despedida como pássaros livres para o vôo rumo à vida. Agora, muito mais maduros, conscientes e confiantes.

Ao longo daqueles seis meses, aprenderam muito mais do que prestar continência e simplesmente obedecer a ordens. Aprenderam o significado da uniformidade, do respeito, do companheirismo, da solidariedade, do orgulho pelo uso da farda, da alegria pura e genuína que o serviço militar pode trazer, e tudo isso por conta de um homem que, muito antes, havia percebido que a vida esconde belezas nos lugares e momentos mais inusitados. Que autoridade não se faz no grito. Que liderança não se impõe. Ela é alicerçada com simpatia e firmeza, através do exemplo seguro de quem tem um projeto de vida e não perde o seu foco. Que é perfeitamente possível inculcar no jovem, na curiosidade sadia e típica da idade, valores que eles levarão pela vida afora. Valores morais, normas de conduta que, se bem usados, farão a diferença para o bem, serão passados aos filhos e os ajudarão a formar famílias menos desajustadas e mais éticas.

Quem serviu na 4ª turma, nos anos 70 e 80, certamente se lembra de tudo o que foi vivido ali na rua Maranhão, 96, onde ficava a antiga sede do Tiro de Guerra de São Caetano do Sul.

Mesmo os que não serviram com o *sargento Lucca*, com certeza se lembram das histórias que o cercavam: ele era, além de militar, um admirado professor que lecionou no Instituto Sagrada Família, por muitos anos na antiga FEC do ABC e no

IMES, tinha um conjunto musical chamado Grupo Pampa e, como todo bom gaúcho, gostava de cantar acompanhado do seu violão, contando seus *causos* e emocionando com seus poemas.

Irreverente, às vezes, ganhava a todos com simpatia e simplicidade, e não seria um exagero dizer que, certamente, foi o grande divisor de águas no serviço militar de São Caetano. Que o digam seus antigos companheiros do TG. Quem vivenciou os acontecimentos desta época, por certo há de lembrar-se dela com alguma nostalgia.

E até hoje, se algum ex-soldado ouvir o nome do *sargento Lucca*, hoje capitão, terá sempre uma boa história para contar. Histórias repletas de saudades e alegrias.



Campo de Aeromodelismo

Aeromodelismo

para Thiago
Claudino de Lucca
é poeta, cantor, compositor e
membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Nas claras manhãs de domingo,
quando a vida nada mais era
que um soneto de amor,
um florir de primavera,
um trágico canto comovido
de cigarras, em sonido passional,

logo cedo se ouviam
outros ruídos parecidos
pra irritação dos vizinhos
bem perto do meu quintal.

Na janela, vaso de flores vivas,
amores perfeitos, semeados
pela mão suave da eterna namorada,
afagadas pelo olhar da gente invisível
que passava solene pela rua.
A juventude e o sonho
coisa indefinida e imensa
que se imagina, ponte extensa
na qual nosso desejo passará no tempo
para flutuar no espaço da eternidade nua.

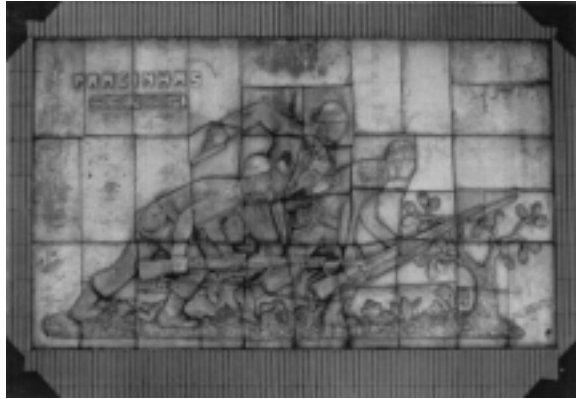
De brincadeira, entregava pras meninas
o cartão de trova, diminuta,
em que para elas, exibido, me ofertava.
*Te amo e tenho-te apreço,
contra isso, não há leis.*
*Venha, meu endereço
é Bom Pastor, quarenta e seis.*
E elas vinham, partiam,
outras, queriam ficar.
Algumas até, um certo tempo, duravam.
Dessas lembranças saudosas, que a memória,
certamente, não destrói,
para jogar, o jogo natural da história,
que no final, quase sempre dói.

Meu filho, me dá tua mão,
vamos buscar água na bica
e aproveitar para olhar
os coloridos aviõezinhos
que circulam sem parar -
como era terno dizê-lo.
- Não é aviãozinho, papai,
aquilo é aeromodelo!

Ensinava coisas e aprendia outras.
De motores, fios e combustível,
de asas suspensas pelo vento,
de controles remotos amestrados,
orientais invenções, pousos forçados
e acidentes com peixes suicidas.
○ guarda do parque, nosso amigo,
nos deixava circular alegremente
e nas tardes de sol emoldurada
pelo riso infantil, coisa mais linda,
pai e filho, brincando de mãos dadas
tornando a praça mais bonita ainda.

Um dia, uma placa: *é proibido
apanhar água aqui, é não potável.*
Cortou o ritual. E os passeios,
frustrados para sempre, dissolvidos.
○ menino cresceu de sombras e infinito
engasgado nas revoltas sem sentido
calando o seu silêncio, sem um grito
como inocente que se viu traído.

Aerodelismo, meu poema se consterna
não por terem poluído tuas águas,
nem por terem te feito desaparecer.
É que o homem deveria escrever: *é proibido,*
a um menino, viver com tantas mágoas.
Ou impedi-lo para sempre de crescer!
A mim, só cabe lamentar a vida,
por ter entrado num beco sem saída,
pelos caminhos que trilhei, na contramão,
por ter deixado de lutar. Por fim,
por tudo o que sempre disse sim
quando deveria ter bradado não.



Monumento aos Pracinhas, na praça dos Expedicionários

Os pracinhas da II Grande Guerra

Mário Porfírio Rodrigues

líder autonomista, fundador do *Jornal de São Caetano*

Fazia pouco tempo que papai havia comprado, para pagamento em suaves prestações, um rádio que era a alegria de nossa casa. Além de música e de rádio-teatro, ouvíamos notícias. Muitas notícias sobre a II Grande Guerra e a dúvida sobre o lado que o Brasil apoiaria: dos Estados Unidos ou da Alemanha de Hitler.

Finalmente, a decisão foi favorável ao apoio aos aliados (EE.UU). Em 23 de novembro de 1943 o governo criou a

Força Expedicionária Brasileira - FEB, formando um contingente militar terrestre. Aí, no populoso bairro da Fundação, o burburinho era geral e a pergunta estava na boca de cada habitante: quem iria para a guerra?

Lembro que vários jovens conhecidos, em época de servir o Exército brasileiro, estavam escalados para integrar a FEB. Os familiares e as namoradas começaram a chorar por antecipação. No final, não foram muitos, porém, membros das famílias Perrela, Thomé, Fiorotti e outras não puderam escapar da convocação. Outros bairros de São Caetano também tiveram jovens participando da Força Expedicionária Brasileira.

A II Grande Guerra terminou dois anos depois, em maio de 1945, e os pracinhas brasileiros participaram ativamente de batalhas travadas em solo italiano, em especial na tomada de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945. São Caetano vibrou com o retorno dos seus heróis, prestando-lhes diversas homenagens.

Em 1953-54 eu era presidente do primeiro Rotary Club de São Caetano do Sul e tinha, na vice-presidência, o prefeito Anacleto Campanella, e, como diretor do protocolo, Urames Pires dos Santos, engenheiro da Cerâmica São Caetano. Entendi que, no décimo aniversário do término da guerra, o Rotary deveria prestar uma homenagem aos pracinhas de nossa cidade.

O prefeito Anacleto Campanella cedeu o local, na confluência da avenida Goiás com a rua Alegre. O rotariano de São Paulo, eng. Nelson de Barros Camargo, e sua irmã, a arquiteta Maria Thereza de Barros Camargo, executaram o projeto. Urames Pires dos Santos cuidou dos trabalhos de construção e o rotariano de São Paulo, Victor Geraldo Simonsen, em

parceria com a Cerâmica São Caetano, fez doação de um lindo trabalho artístico em cerâmica, de autoria do escultor e arquiteto Alberto Garcia.

Na manhã de quatro de maio de 1955 o monumento foi inaugurado com a presença dos pracinhas: Oswaldo Perrella, Antônio de Mucci, Maurício Simão, Luiz Grecco, Lucas Gonçalves, Manoel Elisson da Silva, Roberto Baade, Lincoln P. Mello e Isaías Messias. Compareceram diversas autoridades municipais, eclesiásticas e membros o Rotary Club de São Caetano do Sul.

Durante muitos anos, ainda em 1983, Oswaldo Perrella foi presidente da Associação dos ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira. Com o seu falecimento não mais se ouviu falar dessa entidade, o que é lamentável. Acreditamos que muitos fatos históricos teriam para contar os valorosos pracinhas da FEB. A história de São Caetano do Sul ficou prejudicada no que se refere à Força Expedicionária Brasileira.



... atravessou a rua e desceu a
Rio Grande do Sul...

A menina na sua São Caetano antiga (Década de 30)

Albertina Rodrigues Matsudo
professora - poetisa

A menina já havia percorrido, com rapidez, meio quarteirão da rua Baraldi, quando uma dúvida assaltou-a: teria fechado direito o portão da sua casa? Ela voltou correndo e verificou. Faltava apenas dar meia-volta na tramela. Fez isso falando com os seus botões: *Acho melhor ir já, já verificar também o portão grande da rua Goitacazes. Afinal, nunca se*

sabe quando aqueles "tiranos" vão voltar. Bem...talvez seja numa manhã como a de hoje, quando os animais preferem andar à solta, sob um sol delicado.

Agora, diante do portão de zinco sobre armação em madeira, a menina espiava por uma fresta e constatava: a tranca interna estava em seu devido lugar. Aliviada, retomou seu rumo.

Ao dobrar a esquina, formada pelas duas ruas mencionadas, viu água correndo por baixo das portas do armazém dos seus pais. Ah... Era Severino lavando o chão e cantando uma cantiga antiga, lá do sertão. Esse trabalho, se somado ao da calçada, deveria levar ainda uns 40 minutos, tempo preciso para iniciar o atendimento à freguesia.

A menina apressou o passo, atravessou a rua e desceu a Rio Grande do Sul, até chegar à rua João Pessoa. Finalmente foi ao encontro das ruas Conde Francisco Matarazzo com a Serafim Constantino, onde se situava a sua querida papelaria Ao Carioca. Mas... Que pena! Ainda não haviam descerrado as portas do estabelecimento. A menina estava adiantada.

Sem perda de tempo, resolveu ir à fonte, ali pertinente; bastaria atravessar a Constantino. (Para esclarecer melhor, ficava ao lado da estação rodoviária.)

O imóvel da fonte parecia uma casinha de madeira marrom. Os seus proprietários talvez fossem representantes de alguma verdadeira fonte. Eles vendiam água em garraões, bem como em copos de vidro. Também colocavam à venda alguns produtos comestíveis, entre os quais pedaços de coco guardados em recipientes de vidro transparente, cheios de água e hermeticamente fechados.

A menina andava intrigada com a história dos pedaços de coco. Bem...eu conto.

Era a terceira vez que comprava um deles. O vendedor, como sempre, perguntou à menina: *Qual é o seu pedaço preferido?*

Naturalmente, ela indicava o maior...

Então, o vendedor, empunhando um espeto longo, cravava-o, sem dó, no pedaço escolhido, e, em seguida, entregava-o à menina.

Com o mesmo espanto das vezes anteriores, ela os recebia em tamanho bem menor e com aquele aspecto triste... Desfigurado! Que tristeza! Que decepção!

Contudo, após um instante, já não resistia à tentação de saboreá-lo, enquanto pensava: *Como acontece isso? Será que o pedaço de coco foi ferido? Coitado! Será que a água onde os pedaços de coco nadam é mágica? Ou será mágico o vidro? Ou mágico será o vendedor que me serve?*

Ah!... Não sei; não sei mesmo. Ah!, já sei: vou deixar essa questão para o Leco, meu irmão, explicar bem direitinho. Ele entende de tudo!

A menina dirigiu-se à papelaria Ao Carioca.

Algumas pessoas já estavam sendo atendidas.

Aproveitou para passar os olhos por alguns produtos. Gostava de conhecer as novidades.

Quando notou o senhor Mello, já desocupado, dirigiu-se ao balcão. Trocaram cumprimentos. Ele sempre a tratava com afabilidade. *O que vai hoje boneca?* Era assim que ele a chamava. *Por favor, seu Mello, quero giz; um de cada cor.*

Ele os escolheu e disse: *Tem seis. Confere?* A menina fez isso e perguntou: *E o branco?* Ele respondeu: *Bem... O*

branco não tem cor. Concorde?

Tem, sim senhor. Afirmou e explicou: O branco tem a cor do leite... A cor da neve... a cor do meu coelho e também dos azulejos, lá da cozinha da minha casa.

Sorrindo, ele juntou o giz branco aos outros e, com cuidado, colocou-os em caixinha de papelão. (De vez em quando, ele gostava de embarçá-la.)

Ela indagou: *Quanto custa?* Apenas dois tostões. A menina abriu seu porta-níquel estampadinho e dele retirou duas moedas de um tostão¹. E pagou sua comprinha.

Antes de ir embora, pediu ao senhor Mello para escrever seu nome completo num papel.

Ela prontamente escreveu, e ela, em voz alta, leu:

"Antonio de Mello Neto"

Surpreso, ele perguntou à menina qual era a sua idade.

Completei oito anos no mês passado, respondeu.

Estendendo-lhe a mão, falou: *Volte sempre, boneca.* E se despediram.

A menina seguia o caminho de volta à sua casa. Tinha pressa.

Passando ao lado da torrefação e moagem São Caetano, retribuiu o aceno que lhe vinha do senhor José Musumeci, proprietário da empresa. Seu espírito empreendedor garantia o permanente sucesso do seu trabalho.

A torrefação ficava onde hoje é a rua João Pessoa, entre as ruas Santa Catarina e Rio Grande do Sul, defronte da casa Singer, aproximadamente.

Casado com a dona Helena, teve quatro filhos: Ignácio e Cláudio, adolescentes, e Bento (conhecido como

Benito), que era ainda um lindo e robusto menino. Mais tarde, para a alegria de todos, nasceu a caçulinha da família, cujo nome, se não me falha a memória, é Nélide.

○ senhor Musumeci era amigo dos pais da menina.

É o aroma gostoso de café torrado, ajudado pelo vento, invadia a rua naquele exato momento.

Bem...enquanto a menina vai caminhando em direção à sua casa, aproveito para contar que a palavra *tiranos*, a que se referia a menina, era usado para identificar os *homens da carrocinha*.

Ela os detestava, embora o Leco e seus pais repetissem sempre: *Eles estão cumprindo com o seu dever, no serviço*.

Quando a carrocinha apontava na rua, a criança ficava irada e gritava: *Olha a carrocinha! Olha a carrocinha! Olha os tiranos, eles estão chegando!*

Infelizmente, nem todos conseguiam recolher seus animais a tempo de impedir que fossem laçados e lançados para trás das grades da carrocinha.

Eles vinham sempre em grupo de três. Um deles, o mais hábil no laço, era uma figura estranha...grotesca. Usava botas pretas, lenço vermelho no pescoço, anéis nos dedos e ostentava um sorriso permanentemente aberto..., escancarado, pondo à vista todos os seus dentes cobertos de ouro. Era chamado - de forma singular - de *Dente de Ouro*.



Praça Primeiro de Maio

Chegando à sua casa, a menina foi depressa procurar o Leco, lá no armazém; queria resolver logo a questão dos pedaços de coco. Mal havia se aproximado dele, ouviu-se aquela gritaria. Ao mesmo tempo, sua amiguinha Josefina, correndo ao seu encontro, exclamava: *Laçaram o gato do Luizinho!* Ambas, como dois foguetes, chegaram à rua.

Os homens da carrocinha já guardavam seus laços. Estava na hora do almoço. A vizinhança, triste, os observava...

De repente, ouviu-se a voz de uma mulher que descia correndo a Niterói, gritando desesperadamente: "*Aspetta! Aspetta! ladrones de capretta!*"

Era dona "Conchetta". Ela se aproximou da carrocinha, e viu sua cabrita bem ao lado de um porco. Viu também o gato do Luizinho, separado dos cachorros,...e repetia: "*Oh! povereta della mia capretta!*" E as lágrimas rolavam em seu rosto...

Depois, de dedo em riste, ela foi ameaçar os tiranos:

"Voi avete preso la mia capretta

Dentro del mio giardino

Questa è una invasione!

Questo è un crimene!

Io vado adesso alla polizia e,

Voi tutti, andate all'inferno!"

A menina levou dona "Conchetta" e o Luizinho ao armazém. Sentaram-se junto a uma das pequenas mesas. Foram logo rodeados pela turminha amiga. Leco tratou de oferecer água com açúcar a todos, e sua mãe recomendava à ajudante para fazer, depressinha, chá de alecrim e erva cidreira.

A amiguinha Wanda foi sussurrar ao ouvido da menina: *Sabe?...se eles não forem buscar seus animais até o*

terceiro dia de prisão, vão fazer deles lingüiça ou sabão. Além disso, eles não têm como trazê-los; e como vão se arranjar para trazer a cabrita!?

Horrorizada, a menina foi contar isso ao Leco e pediu-lhe para resolver esse problema. E o Leco, com paciência, respondeu: *Está bem, vou pensar nisso.*

Após o chá, ele aproximou-se da mesa e disse: *Atenção! Amanhã, o armazém não fará entrega no período da tarde porque Severino, a carroça e o Pinhão² vão levar a dona "Conchetta" e o Luizinho a Santo André para retirarem, do canil, seus queridos animais.*

Todos aplaudiram e ficaram felizes. E dona "Conchetta" caiu aos prantos, mas, agora, de alegria.

Na volta, cumprida a sua missão, Severino, com a carroça e o Pinhão, entrava pelo portão grande da Niterói. Mas faltava, ainda, ao Severino, executar sua última tarefa diária: lavar a carroça e depois o Pinhão (como sempre, cantando aquela cantiga antiga lá do sertão):

*A vaca do Piancó
Só dá leite quando quer.
A brancada pra coalhada
A preta pro café*

E a menina... nunca mais comeu lingüiça!
Nunca mais usou sabão pra lavar as roupinhas das suas bonequinhas.

1 Tostão: Moeda brasileira antiga, de níquel, que valia cem réis. (Plural: - tostões)
2 Pinhão: Nome do burrinho da menina.



Esquina das ruas São Paulo e Vital Brasil Filho

A árvore da esquina

Maribel Aparecida Marana
professora e pedagoga pós-graduada,
é consultora educacional

Frondosa, ainda se encontra na esquina da rua onde morei, da infância à adolescência, aquela mesma árvore. Testemunha silenciosa de meus mais íntimos segredos, de meus mais profundos desejos, era à sua sombra que me sentava, divagando em pensamentos sobre um futuro que me parecia tão distante, mas sempre belo.

Acompanhei seu crescimento, suas folhas exuberantes na primavera e seu sofrimento no frio inverno do meu tempo de menina.

Diferentemente de meus sonhos, ela, aos poucos, adquiria robustez e prendia-se à terra, firmando suas raízes no solo úmido em tempos de chuva. Enquanto eu sonhava, ela humildemente agarrava-se ao que podia ter: sol, chuva, terra e mãos, como as minhas, que abraçavam seu tronco esguio, a princípio.

Meus pés descalços corriam pela rua sem asfalto e tantas vezes foram em seus galhos, ainda frágeis, que me escondiam durante as brincadeiras infantis da meninada, nas noites quentes de luar. Ela era meu correio quando, ansiosamente, esperávamos a visita de minha tia, que vinha do interior de São Paulo para nos visitar. Em seu tronco colava meus ouvidos no afã de ouvir o barulho do ônibus que se aproximava, como hoje as crianças fazem com a brincadeira do telefone sem fio.

A árvore da esquina foi crescendo e, como ela, também, fui me tornando mais encorpada, mais velha, porém, mais sonhadora. Já não me satisfazia subir em seus galhos ou sentar-me à sua sombra. Por isso, fiz dela minha confidente. Meu coração falava ao seu, num testemunho mudo da minha primeira paixão, do meu primeiro beijo e de meu primeiro desencanto. Era ela quem escutava silenciosa meus delírios de adolescente, nos quais, de um salto a outro, transformava-me de menina pobre em uma princesa resgatada pelo mais belo rapaz, que morava ao lado. Às vezes, a árvore ficava doente, suas folhas tingiam-se de bolhas amareladas que, depois, viravam pequenos furos, caíam e eram varridas pelo vento forte do outono. Toda vez que isso acontecia, eu me sentia desprotegida e pensava que ela não resistiria. Para minha felicidade, alguém vinha com um líquido branco, pintava seu tronco e logo ela se

restabelecia. Com ela, aprendi a me fortalecer com meu líquido branco: o amor e o perdão.

Hoje, do quinto andar do meu apartamento, todos os dias vejo a minha mais antiga amiga. Ela ainda está lá. Resistiu às transformações pelas quais a rua, o bairro e a cidade passaram. Onde meus pés pisaram descalços, o asfalto cobriu a terra desnuda; onde morava, a casa foi demolida, dando lugar a prédios de luxo; as tubulações de água e esgoto, que serviam de esconderijo às nossas brincadeiras, foram aterradas... Só não conseguiram esconder as raízes grossas da árvore da esquina, que teimam em sair, quebrando o concreto da calçada, esparramando-se como se quisessem segurar o tempo. O tempo da liberdade, do vôo da imaginação, da luz do luar, do orvalho nas folhas, do cheiro da terra, dos sonhos de criança.

A árvore continua na esquina da rua São Paulo com a Vital Brasil Filho, como antes. E eu, bem..., depois de muitos sonhos, fiz como a árvore, atei-me à realidade, vivi desbravando concretos, agarrei-me àquele que graciosamente deu a nós duas a força e a coragem da sobrevivência: Deus.



O flagrante é de 1923. Casa da família Scarazzato, esquina das ruas Pará e Amazonas

Amazonas com Pará

Maria do Céu Formiga de Oliveira
psicóloga clínica, professora universitária

Optei pela esperança.
(ainda pequena).
Pela memória e seus perfumes.
Por não ter medo de me recontar.
Por ser visitada pela saudade.

Amazonas com Pará.
Um doce encontro de ruas da minha cidade.
Esquina de lembranças cujo aroma
retoma a meninice.

Tiquinho de um canto que há décadas
abriga uma loja que supre sapateiros - poetas
que escrevem pelos pés das páginas.

Escrevo para atenuar a falta daquele artesão
que na minha infância, me vendo como princesa,
apostou no sonho de que,
se dependesse da delicadeza das suas mãos,
estrada alguma feriria meus pés magros e miúdos.

Optei pela memória e seus perfumes,
por isto sinto o aroma do meu pai,
amigo de mãos macias .
E nem reclamo de nada, nem da partida,
porque sei da causa nobre...
Sob medida desde abril passado,
faz ele sapatos de pelica e poesia para Deus...

Num ateliê de sonhos, no quintal de casa,
com cola, sola, escova de crina de cavalo,
martelo certo e preguinhos minúsculos,
enquanto no rádio seu *Leporace*
evocava a Hora do Trabuco,
lado a lado, lembro tão bem
do tempo milagroso que gastamos
acreditando na construção de uma vida afável,
onde a arte das nossas mãos pudesse tecer
um caminho que impedisse que nossos pés
se perdessem de vista...



Rua Amazonas

E era naquela Amazonas com Pará
que buscávamos o suprimento para concretizar
os sonhos..

Não é o ar puro que cura.
É a paisagem que se eterniza nos sentidos.
Às vezes, descendo a Amazonas
parece que vou chegando cada vez mais perto
de uma nova estação,
onde as árvores reverdejam
mesmo sem ter chovido
e, em ninhos, os pássaros são acolhidos
mesmo sem ter nascido.

Optei pela esperança
(ainda menina).
Foi lá no quintal de casa
que perdi o medo de mim.
A saudade, neblina que afaga e acalma a história,
vem agora com uma suavidade

típica das coisas de Deus...

Minha alma, incansável à ressonância do afeto,
me leva a elevar os olhos ao céu
onde vejo pássaros, ninhos e meu pai reverdeando,
mesmo sem eu ter chovido...

Que paz.

Se optei pela esperança,
posso ficar assim, ficar sem dormir ,
fechar os olhos e pressentir
o amigo das mãos macias
calçar meus pés com a eterna inocência ,
nosso sonho ... singelo segredo...
(silêncio).



...com um aperto, doído, no fundo do peito,
que como eu, elas mudaram...

A rua da minha infância

Rosalva Maria Liberado Rela
professora, poetisa

Andei hoje pela cidade,
Pelas ruas da minha infância
E percebi com um aperto,
Doído, no fundo do peito,
Que como eu, elas mudaram...
Sabe aquele viaduto, da rua Manoel Coelho?
Encolheu... Não! Eu cresci...
Parecia tão comprido quando o atravessava
Para chegar ao Senador Flaquer
grupo escolar, onde estudava...

Procurei na "minha" rua,
Aquela casa tão grande,
A única com jardim
Onde flores de tantas cores
Misturadas às hortaliças
E ervas de benzedadeiras
Cultivadas pelas irmãs
Maria, Elisa, Angelina,
Quebravam a cor do cimento
E exalavam perfumes
Pela rua fumacenta
Do tráfego que ali passava!
Como era bonito à tardinha
Ver as três irmãs na janela
Da casa que não existe mais!
Continuei minha busca,
E fui parar na esquina...
Onde estão aqueles homens
seu Cardoso, seu Fiorotti,
Motoristas de confiança
Os "motoristas de praça"
Com seus carros enfeitados
Com capricho todos os sábados
Para as noivas poder levar
Ao encontro do noivo no altar?
Há muitas lojas na rua,
O velho prédio sumiu,
Como um dia sumiu o colégio
E em seu lugar construíram
Moderna galeria, com lojas de fino gosto,
Como a lojinha da Aurora,

Que também não existe mais...
Onde estive eu este tempo
Em que tanto mudou minha rua?
Cuidando de uma rotina
Que pouco tempo me deixa
Para detalhes observar...
Tudo bem...
Também não sou mais a menina
Que nessa rua viveu...
Cresci, sou mulher, sou senhora...
Mas posso guardar na memória,
Os pedaços de minha história,
Na rua que me viu crescer...



...um conflito entre escravos num chafariz do centro do Rio de Janeiro

As torneiras da General

Rui Ribeiro

bacharel em ciências jurídicas e sociais e escritor

As lembranças mais antigas que conservo das "torneiras da General" remontam a meados da década de 60. Um redimensionamento da rede hidráulica do município acarretou interrupções freqüentes no fornecimento por um período razoável, para desespero das donas de casa. Alguém me falou que o clube esportivo da GM possuía poços artesianos e franqueava água ao público. As torneiras, em torno de cinco, se não me engano, estavam localizadas no final da rua Capeberibe, próximas às linhas da ferrovia e à sombra de eucaliptos altíssimos e vetustos. Outras pessoas tiveram a mesma

idéia que eu, de forma que as filas eram enormes e desencorajadoras. Combinei com um vizinho de fazermos a captação pela madrugada, munidos de tambores, de modo a atender às necessidades domésticas mais prementes, como cozinhar, fazer café e tomar banho, de canequinha.

Com a normalização do fornecimento pela rede pública, as filas diminuíram um pouco, mas o velho hábito de recorrer "às torneiras da General" permaneceu. A qualidade da água, leve, isenta do sabor de cloro e ainda por cima fornecida de graça, arraigou-se na preferência de boa parte da população, atraindo também gente de São Paulo e dos demais municípios do ABC. Comentava-se que alguns donos de bares a vendiam como se fosse de origem mineral, depois de acondicioná-la em vasilhames de marcas conhecidas. Ainda pela manhã viam-se pelas ruas próximos carrinhos de feira conduzindo garrafões e galões de plástico. O destino já se sabia. Para se minimizar a espera excessiva, (algumas pessoas portavam dezenas de recipientes), recorria-se à estratégia de procurar as torneiras ao alvorecer, ou à noite, no horário das novelas, ou dos jogos de futebol televisados. Porque, em horas de pico, durante o dia, além da demora, tinha-se de ouvir conversas sobre desastres, assaltos, mortes, doenças e internações hospitalares, entre aqueles que, em alta voz, gostam de abordar apenas assuntos desagradáveis, como se a vida fosse somente feita de coisas ruins. Às vezes também ocorriam brigas ou discussões, quando algum espertinho insistia em utilizar mais que uma torneira. Essas cenas remetem-me a um desenho do pintor austríaco J. M. Rugendas, que fixou aspectos do cotidiano brasileiro durante o período do império. O quadro retrata um conflito entre escravos num chafariz do centro

do Rio de Janeiro. Como se sabe, ao tempo em que a água ainda não havia sido canalizada para chegar aos lares, o abastecimento era feito através dos chafarizes, que se prestavam também a palco de desordens, mexe-ricos sobre a vida alheia e namoros furtivos. Poucos desses mo-numentos históricos chegaram aos nossos dias. O mais famoso, felizmente, ainda existe, em Ouro Preto. Construído em pedra, possui quatro carrancas, com bochechas que espirravam água, da qual ...*outrora Marília vinha encher a cantarinha a suspirar...*

Mas, voltando-se às "torneiras da General", registre-se que, quando das obras de remodelação do clube, elas foram transferidas para a rua Tapajós e trocadas por dispositivos antidesperdício. Colocaram-se ainda canos de ferro delimitadores na área de abastecimento, visando-se disciplinar a fila para prevenir conflitos. Lamentavelmente, porém, o fornecimento ao público foi interrompido e as torneiras eliminadas. Notícias de-sencontradas deram conta de que seria restabelecido, ou que (parece mais provável) era mesmo definitiva a interrupção, porquanto apenas dois dos poços artesanos remanesceram e com vazão insuficiente para satisfazer as próprias necessidades de consumo da empresa.

Existem, na cidade, outras águas boas e gratuitas de que podem se servir os sulcaetanenses, como por exemplo a que jorra das torneiras instaladas nas imediações do cemitério das Lágrimas. A da General ficou na memória gustativa e na saudade de muita gente, tenho certeza.

| | | | |
|-------------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|--|
| RUA GUAPORÉ | RUA FIABANHA | RUA SÃO FRANCISCO DE ASSIS | RUA AÇANÃ |
| RUA IVAI | RUA JOÃO GALEGO | RUA GUAIAMU | RUA LOMAS VENETINAS |
| RUA SAMUEL SCHWARTZ | RUA SILVIA | RUA SOLIMÕES | RUA TEFFÉ |
| RUA THIAGI | RUA ARARI | RUA ARLINDO MARCIETTI | ALAMEDA ARAGUAIA |
| RUA ANITA GARKHALDI | PRAÇA DAS ANDORINHAS | RUA XINGU | RUA PARAGUASSU |
| RUA MADEIRA | RUA MARINA | RUA ARLINDA CORTA E SICA | RUA DIOGO FERNANDES |
| RUA RUBO ECLIDES POMERA | TRAVESSA DAS CAMELIAS | ALAMEDA CONDE DE PORTO ALEGRE | RUA FERNANDO ALVES CASTELHANO |

Ruas do Bairro Santa Maria

Santa Maria, um bairro que marcou minha vida

Eva Bueno Marques
membro do Conselho Diretor
da Fundação Pró-Memória e da
Academia de Letras da Grande São Paulo

Toda vez que percorro as ruas de cidades que visito vou, despretensiosamente, com passo ocioso, buscando as maravilhas poéticas dos recantos que marcam minha sensibilidade, sempre viva e atenta a uma nova percepção, a uma nova emoção. Sigo, então, atrás de devaneios e, num itinerário

indefinido, caminho em busca da cultura, sempre presente, a fixar as reminiscências de um passado próximo ou distante em cada nome de rua, praça, alameda ou travessa.

Sinto que a paisagem singular das ruas conversa com a curiosidade das pessoas, pois apresenta uma perspectiva no espaço físico e no tempo e, simultaneamente, grava em nossas lembranças, com a voz da história, os nomes, momentos ou coisas importantes (rua do Café, rua do Grito) que fizeram ou marcam nossa tradição, nossa cultura, os feitos de nossos heróis, a grandeza de nossa gente.

Cada recanto público lembra-me uma história diferente vivida ou ligada a pessoas, a fatos importantes, a espaços geográficos ou a coisas de nosso cotidiano, gravados nas placas que nomeiam logradouros públicos. Essa é a importância da nomenclatura das ruas, avenidas e praças, lembradas até em poesias e letras de músicas populares: *rua da estrela, só pelo nome, como eu te amava! rua serias da estrela Vésper? Da estrela d'Álva? Ou alguma estrela em ti brilhava? ... Por essa estrela, rua da Estrela, mesmo invisível, é que eu te amava.* (Cecília Meireles) ou *Quando cruzo a Ipiranga e a avenida São João ...* (Caetano Veloso).

Abandonando, agora, o rigor acadêmico, vou mergulhar na malha viária do bairro de Santa Maria, em suas ruas, enfim, em tudo que anima meu bairro e lhe dá vida e o identifica, fazendo dele uma pequena cidade de um quilômetro quadrado, incorporada no meu cotidiano há mais de 30 anos. Descomprometida com a história, num passeio imaginário, entre auroras e poentes, narrarei o que já vi e ouvi em meus devaneios, vivendo nessa paisagem singular:

Minha casa fica à beira de um rio que se chama

Guaporé. Por suas margens tenho andado há muito tempo. O *Guaporé* de Santa Maria não é um rio solitário. Há outro que o cruza, o *Piabanha*, que leva o nome de peixe fluvial muito esperto, de escamas prateadas e boca leporina. Mas, para maior riqueza e fertilidade do solo, outros ainda vêm rasgar a região, como o *Solimões*, primeiro nome do gigante *Amazonas*, o *Madeira*, o *Tibagi*, o *Xingu*, o *Ivaí*, o majestoso *Araguaia*, o *Arari*. Viram? Santa Maria é uma verdadeira bacia hidrográfica!

E quantas árvores frondosas bordejam suas margens! As que florescem, frutificam, perfumam e embelezam a paisagem, como as damas da noite, as goiabeiras e - quase no meu quintal - os aromáticos eucaliptos do bosque. Então, nas margens daqueles rios imaginários, já admirei o *Biguá*, voejando à grande distância. O *Açanã* e a *Arapuã* pousam nas copas das árvores e lhe fazem companhia. E, nas imaginárias margens pantanosas, descubro o *Guaïamu* sabido, a esconder-se dos pescadores.

Foi numa dessas noites, em que o céu clareava com a realeza da lua adulta, magnífica em seu amplo vestido bordado de luz, que tomei um barco que passava pelo meu rio, o *Guaporé*, para um passeio coletivo e, vejam leitores, as companhias com que contei, com imaginação e prazer:

Logo à frente estava a figura histórica de *Anita Garibaldi*, segurando um arranjo de *Camélias*, com o olhar perdido no movimento das águas. Estaria *aquela heroína dos dois mundos* pensando em suas lutas como soldado, como enfermeira ou como companheira inseparável de seu grande amor, o incansável guerreiro Giuseppe Garibaldi?

Logo atrás, estava o conde João *Fernandes Andeiro*, um nobre que esteve a serviço de dom João de Portugal. Só me

dei conta de quem era quando ele foi chamado de *João Galego* por um senhor circunspecto, de nome *Francisco Pires*.

Nosso autonomista *Arlindo Marchetti*, sentado com o major Manoel Marques de Souza, o famoso conde de *Porto Alegre*, ouvia deste histórias das revoluções que liderou lá no sul e fez alguma referência a *Lomas Valentinas* (da Guerra do Paraguai) e *Tayi*, para tecer comparações com suas façanhas.

Marina e Sílvia, damas antigas, com cabelos presos, saias amplas e longas, xale às costas, conversavam sobre como seria Santa Maria no futuro, por onde caminhariam seus descendentes, netos, bisnetos, trinetos.

O *barão de Teffé*, sério, compenetrado, talvez a pensar em sua doce filha, Nair de Teffé, a pianista famosa, cantora doce, mulher insinuante, ligada às artes e que se tornou a honrada primeira dama do país, ao desposar o presidente Hermes da Fonseca.

A um canto, quase secreto, murmuravam dois marechais: *Humberto de Alencar Castelo Branco* e *Artur da Costa e Silva*, debatendo os destinos da pátria brasileira e suas mazelas presentes. Seria, dizia um deles, a ditadura ainda um remédio aplicável? Ou talvez, ponderava o outro, o país, presenteado com o regime democrático, ainda não se deu conta do valor dessa dádiva e os políticos, com perigoso descuido, brincam com o novo regime como crianças deslumbradas brincam com fogo? Ah, se eu pudesse interrompê-los para confirmar-lhes aquelas lindas palavras de Cecília Meireles: *Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não a entenda*.

Diogo Fernandes, português de negócios, donatário de capitania, ouvia atentamente o reverendo *João Euclides*

Pereira argumentar sobre a importância e necessidade espiritual da religião na vida do ser humano, enquanto meu barco imaginário seguia o seu passeio, deslizando lentamente até que, num recôncavo, antes da corredeira e próximo à margem, com um olhar entre desconfiado e surpreso, estava a bela *Catarina Álvares Caramuru*, a nossa *Paraguassu*, com leve e lindo cocar de penas na cabeça e seu suave traje de índia, tal como no painel de Manuel Lopes Rodrigues, *Sonho de Paraguassu*, existente na igreja da Graça, em Salvador. Meditando na estampa do pintor, eu pensava que a imagem era inteiramente contrária ao que dizem os versos descritivos de Santa Rita Durão:

*Paraguassu gentil (tal nome teve)
 Bem diversa de gente tão nojosa,
 De cor tão alva como a branca neve,
 E donde não é neve, era de rosa;
 O nariz natural, boca mui breve,
 Olhos de bela luz, testa espaçosa.*

Um pouco à frente, alguém, na margem contrária, sinalizava com os braços pedindo lugar no barco. Vi logo que se tratava de um israelita, porque usava um solidéu. Como concordamos em acolhê-lo, assim que embarcou, apresentou-se como o *arquiteto setecentista Samuel Schwartz*. E, como tal, discorria sobre o progresso futuro, sobre as transformações vindouras. E fez um vaticínio sobre a cidade no futuro, com tantos pormenores, que aguçou minha curiosidade. Para comprovar, resolvi abandonar o barco, aquele passeio e as interessantes companhias. Ato contínuo, como num vôo de andorinhas, saltei para a margem, a fim de constatar a realidade

que fora prevista.

E, então, como num passe de mágica, verifiquei que tudo estava diferente, muito mudado mesmo, tal como predissera aquele último passageiro a ingressar no barco. Tinha ele razão, a transformação fora total: pareceu-me que as margens se abraçaram e esconderam os rios. Havia somente ruas em lugar das vias navegáveis, tranquilas e transparentes. Casas brotaram como girassóis e prédios cresceram como palmeiras. Apenas algumas árvores teimosas insistiram em permanecer em seu lugar. Ainda bem! E, caminhando por essas ruas, posso louvar o progresso fazendo coro com o sino da igreja de São Francisco de Assis que dobra e tange para anunciar que ele estará sempre a nos abençoar, ele, o padroeiro dessa paróquia, o santo protetor da natureza e dos animais. E ponho-me a admirar cada construção, cada logradouro pitoresco e mágico que, em silêncio, vai desfilando à minha frente: o parque Santa Maria, a Cidade das Crianças, sempre colorida e ruidosa, animada pelo alarido pelas vozes infantis. O asilo, símbolo vetusto do descanso e do recolhimento, a circunspecta delegacia, a guarda municipal simbolizando a segurança, as escolas, com seu rumor de alunos que se encontram, que entram e saem. Junto a elas a APAE, exemplo de educação especial a excepcionais, inserindo-os na comunidade, e a escola Anne Sullivan, referência nacional de educação para surdos-mudo. As praças e o doce arvoredado que emolduram a imponência do teatro Paulo Machado de Carvalho completam o quadro que me deslumbra.

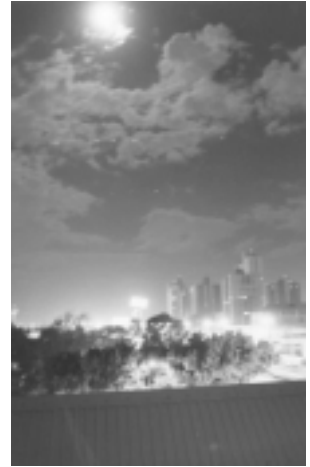
É, o progresso veio, continua, mas os viajantes do meu barco quiseram testemunhá-lo e, como num pacto, decidiram ficar encantados, cada qual preso à sua placa,

nomeando uma rua, uma praça, uma alameda e, se eu quiser, posso até voltar a conversar com eles e relembrar suas histórias, indagando o que fizeram para merecer tal honraria. E quando olho para aquele número que marca minha casa no imaginário *rio Guaporé*, penso no regaço do meu lar, onde o aconchego e a serenidade são como o toque de carinho e conforto em minha vida.

Toda vez que volto a imaginar que estou à margem de um rio e me defronto com a rua Guaporé, recrimino-me pelo absurdo de minha imaginação. Mas seria realmente um contrasenso, quando, quase no meu quintal, há uma bica de verdade, real, de água cristalina que brota do coração da terra, lá onde todos os rios do meu sonho se encontram, vindo explodir em frescor à sombra dos eucaliptos da Cidade das Crianças?

Bica conde de Porto Alegre, vinda lá do poço Tibagi, você não é fruto de minha imaginação, você existe e sua água pura, límpida, pode matar minha sede e lavar minha alma, pode trazer-me sempre à realidade se, porventura, algum dia, eu encontrar uma longa pena colorida, caída da cabeça de uma índia, ou descobrir ramos de camélias no parapeito de minha janela, ou ainda ouvir o suave murmúrio das conversas entre o *irmão sol* e a *irmã lua*, em visita ao nosso delicioso bairro.

E Santa Maria, essa santa milagrosa que emprestou seu nome ao bairro, estará todos os momentos abençoando essas ruas, esse povo que caminha por elas, com pés decididos de quem trabalha, de quem sente o *dom* e a *magia* de ter escolhido, em São Caetano do Sul, o bairro de Santa Maria - o nosso bairro - para viver e sonhar.



São Caetano em luz

O pôr-do-sol do Santa Maria

Daniel Belluci Contro
professor, diretor do colégio
Pueri Domus - Santo André

Da vidraça trincada do meu prédio,
Fito o teto grande... do Santa Maria.
Nada povoa...além do tédio,
Que chove das paredes e das nuvens.
Evito declarar a inutilidade do azul;
Os enamorados suscitam razões.
Não amarguro a saudade de um nome
Que ficou como roda quebrada

Do carro festivo da vida.
Dói a palpitação de uma desconhecida
Que a esta hora, sob a vária telharia
Da grande rua que fito monótona
Se pinta, perfuma e veste a poesia
Que há de me deixar depois a alma morta...



... se você,
nos tempos de moça ou rapaz...

Nossas origens

Gilberto Tadeu de Lima
economista, professor e escritor

Se você, assim como eu, era viciado nos cigarrinhos de chocolate fabricados pela Pan;

Se você também se recorda com saudades das olimpíadas colegiais promovidas pelo Tijucussu Clube;

Se você não perdia um jogo do Saad no estádio Lauro Gomes;

Se você, aos 14 anos de idade, sonhava ser ferramenteiro e trabalhar na General Motors;

Se você, nos tempos de moça ou rapaz, não faltava às domingueiras do Buso Palace;

Se você já comprou um par de sapatos nas lojas da Visconde e deixou três cheques pré-datados;

Se você também comprou sua primeira geladeira

pelo crediário das Casas Bahia;

Ou então se você, assim como eu, chegou a ficar horas nas filas do cine Vitória para assistir *Se Meu Fusca Falasse*;

Se você levou sua primeira "mina" à matinê do cine Lido;

Quem sabe sua colação de grau do ginásio tenha acontecido no auditório Santos Dumont;

Fez encontro de jovens e a chegada foi no teatro Paulo Machado de Carvalho;

Se você já comemorou uma conquista de seu time na Goiás, que é a nossa avenida Paulista;

Se você, tal como eu, adora bater papo com os amigos, tomando um cremoso chope no Zangão;

Vai ver que você, tarde da noite, parou na Canoa para comer um lanche "da hora";

Se você fez, ou pensou fazer, segundo grau profissionalizante no Alcina;

Se você, meu amigo, minha amiga, chegou a estudar na FEC da rua Amazonas, ou formou-se no IMES;

Se você também fica impressionado ao saber que a Matarazzo e a Cerâmica, juntas, chegaram a empregar mais de dez mil pessoas;

Se você, assim como eu, vibra com os vôos cada vez mais altos do Azulão;

Se você, enfim, é do interior de São Paulo, de Minas, do Nordeste ou do Paraná, mas veio para cá e sente orgulho de viver aqui;

Então você, gente boa, é um legítimo sancaetanense;
Erga teu copo e brinde comigo:

Viva este pedaço de chão; pequeno, porém, sagrado!



Seu Eduardo...
onde hoje se localiza a praça São Caetano di Thiene

O benzedor

Gilberto Tadeu de Lima
professor e escritor

Remoendo lá no fundo de minha memória, lembro-me muito bem de um velho senhor português chamado Eduardo. Era benzedor. Dos bons.

Seu Eduardo morava na rua Osvaldo Cruz, bem em frente ao SAMDU, onde hoje se localiza a praça São Caetano Di Thiene.

Isso foi pelos idos de 1964, 1965, pois tinha meus seis, sete anos, aproximadamente.

Eu via o letreiro SAMDU e não me conformava, pois já sabia que a letra M só é usada antes do B e do P. Minha mãe

me explicava que se tratava de uma sigla e, não sabendo o significado de cada letra, inventava um nome qualquer para satisfazer minha curiosidade.

No mesmo local que estou descrevendo, funcionou, nos anos 80, o Café Bangalô, barzinho aconchegante, onde se tomava umas e outras ouvindo-se boa MPB ao vivo. Bom lugar para se namorar. Muitos devem se lembrar do Bangalô, porque da casa do seu Eduardo só se lembram mesmo aqueles que vão pela casa dos quarenta e tantos anos, assim como eu.

Lembro-me, com certeza, de que era uma casa repleta de imagens de santos. O velho português benzia de olhos fechados, com muita fé.

Minha mãe era (e continua sendo) muito mística. Botava mais fé num rezador que num doutor renomado. Eu, desde moleque muito doente, sempre a necessitar de uma oração.

Muitas vezes minha boa mãe me levou para ser abençoado por seu Eduardo.

Numa das últimas de que me lembro (puxa, gente, como faz tempo!), seu Eduardo comentou que já estava querendo ir para a Cerâmica. Referia-se ao cemitério da Cerâmica, pois sentia aproximar-se a *Noite Eterna*. Minha mãe repreen-deu-o (*Imagine, nem pense nisso!*).

Mas, de fato, nunca mais fui levado aos "benzimentos" dele.

Não sou espírita, sou católico fervoroso.

Mas acho que ele também deve se lembrar de mim.

A bênção, seu Eduardo!



Em cinco de abril de 2001, na exposição Memórias do Circo, realizada na Fundação Pró-Memória, o palhaço Cavadinha abrilhantou a festa

Nariz de palhaço

João Alberto Tessarini
publicitário e artista plástico

Fui um menino de rua. Na minha cidade natal, onde vivi até os sete anos, os quintais das casas serviam para criar galinhas e patos, estender a roupa lavada ou para o cultivo da pequena horta. Brincar era na rua, no campinho, na praça. Pelo menos foi assim comigo, com o Carlos-Pelé, o Pedro, o Marcos Roldão, a Marinilza e tantas outras crianças que faziam das ruas o cenário preferido para encenar entre si as descobertas da infância.

- 4453-3459 Alô? Cavadinha? Bom dia. Desculpe ligar tão cedo. Sonhei que usava um nariz de palhaço.

- *Joãozinho, sonhar não vale. Foi a nossa combinação. Lembra?*

- *Sei que combinamos, mas surgiu um fato novo!* - exclamei rapidamente.

- *Depois de tantos anos, o que mudou?* - foi a nova pergunta que ouvi.

Estão bem claras na minha memória as muitas vezes em que procurei um nariz de palhaço no terreno vazio deixado pelo circo. Ele ia embora e eu passava horas e horas procurando. Às vezes voltava dias seguidos. *Quem sabe caiu ali*, eu pensava. Descartava na minha busca o grande círculo mágico de terreno limpo, terra batida onde permaneciam, por um tempo, as marcas das arquibancadas e do picadeiro. Como nunca vi palhaço perder o nariz durante o espetáculo me concentrava no entorno, onde ficavam os camarins nos quais eles se trocavam, se maquiavam. Jamais dividi com os amigos essa busca. O tesouro seria só meu.

- *Cavadinha, sabe há quanto tempo não vem um circo a São Caetano?*

Antes que eu pudesse responder, ele completou, com uma voz melancólica:

- *Muito tempo. Ainda mais aí onde já não existem terrenos.*

Ligar para o Cavadinha às sete e meia da manhã em um domingo só se justifica mesmo porque ele é o único palhaço que conheço, palhaço de verdade, e com quem fiz um trato. Isso mesmo: na minha agenda, um telefone de palhaço, aliás, o mais velho palhaço da nossa região. Ele mora em Santo André. Setenta anos, 1935, e em plena atividade.

- *Você tem razão, um dos últimos espaços fica na*

Guido Aliberti, e para a minha alegria e de muitas crianças, "hoje tem espetáculo. Venham todos."

Praticamente gritei o final da frase ao telefone. Dar essa notícia significava o fim de uma espera de quase 30 anos. Um circo esteve na cidade. O globo da morte, trapezistas, camelos, lhamas, o elefante e os palhaços.

- Joãozinho, lembro muito bem da história do nariz de palhaço e também quando te convidei para um dia contracenarmos e você, para fugir da mera possibilidade, me disse: "Só quando eu achar um nariz de palhaço." Trabalhamos sete anos juntos, em São Bernardo, na Cidade da Criança, e você nunca aceitou o meu convite. Agora liga dizendo ter sonhado que usou, em um tom de como se tudo estivesse resolvido. Vai, fala de uma vez o que aconteceu.

São Caetano foi um campo fértil para exercitar a liberdade que eu havia trazido da minha cidade natal. Aqui as ruas também eram os cenários preferidos das crianças, e com elas pude continuar encenando as novas descobertas da infância.

- Cavadinha, o circo foi embora, o terreno estava lá, vazio, com aquelas marcas todas. Adivinha... - fiz uma pausa e pelo jeito longa demais.

- Adivinha o quê? Você entrou no terreno? Fala Joãozinho! - insistiu um palhaço quase desesperado.

- Entrei, ou melhor, depois de tirar o paletó, pulei o muro. Caminhei um pequeno trecho e quando percebi estava no meio do círculo mágico, no vazio do picadeiro. Fiquei ali, imaginando o espetáculo à minha volta. Tirei os sapatos e as meias, retornei no tempo, e o menino que fui caminhou para o lado onde ficavam os camarins. Não sei o quanto andei. Só sei

que à medida que andava já não importava mais encontrar alguma coisa. Agora eu sabia que procurar o nariz de palhaço era apenas uma forma de reencontrar e eternizar a infância do menino de pés descalços em busca dos seus sonhos.

- Mas, Joãozinho, e agora, acabou o nosso trato?

- Não, agora estou pronto. Refazendo a trajetória, penso que as árvores que se mantinham firmes para a segurança dos meus braços em balanço talvez pressentissem naquele menino de rua um menino de circo. Só se enganaram se o imaginaram apenas um trapezista. É só você marcar e vamos contracenar. Um barulho seguido de um silêncio: Alô? Alô, Cavadinha? A ligação caiu. Disquei novamente, mas ninguém atendeu. Disquei outras vezes e nada. Será que ele não entendeu?

Depois de um tempo, ouço o ronco de uma moto estacionando. A campainha tocou. Será que o Cavadinha virou motoqueiro? Deve ser. Com muito orgulho, tenho um amigo palhaço, e palhaço não envelhece. Tanto que de uns tempos para cá ele anda de um lado para o outro na garupa de uma moto dirigida por sua namorada, 40 anos mais nova. Só pode ser o Cavadinha. Afinal, não pedi pizza.

Escrevi esta história-estória, em julho de 2005. Nesse mês estive em São Caetano do Sul, na avenida onde moro, o circo Stankowich. Talvez um dos palhaços tenha perdido o nariz.



Fachada da E.E. Oswaldo Samuel Massei

Minha escola

Cláudia Rocha de Souza
autora do livro *Sinos de Barro*

Lá estava eu, no primeiro dia de aula, numa escola diferente. Vinda de Salvador, aos cinco anos de idade, tinha estudado até a 3ª série em São Bernardo do Campo. Tudo novo demais, em tão pouco tempo. Na escola Oswaldo Samuel Massei, continuaria minha trajetória nos estudos, iniciando pela 4ª série do primeiro grau. Mas primeiro dia de aula parece sempre igual, mesmo já tendo estudado. Lembro-me de que minha mãe cortou o pãozinho francês, passou margarina e esquentou na frigideira. O cheiro subiu. O pão foi enrolado no mesmo saco da padaria. Seria o meu lanche. O trajeto de casa



...com o coração aos pulos, desci as escadas

para a escola foi feito a pé, ao lado de meu padrasto. Ele esperou até que eu entrasse. A escola era grande demais. Um susto! Com o coração aos pulos, desci as escadas, numa fila que dava para a secretaria. A professora de cada série nos fez cantar o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. Não tive dificuldade, já sabia da escola anterior. Cada fila ia subindo em ordem para as salas. Corredor limpinho e chão espelhado levavam às salas, também limpinhas, de carteiras de madeira e lousa verde. Uma das coisas mais bonitas, que vi, foi a parede de vidro, com seus quadrados regulares. Não dava para ver o que se passava lá fora, mas deixava entrar a claridade do sol sem cerimônia nenhuma. Foi lá que eu me sentei. Escutava tudo com atenção. Somente o recreio foi uma tortura. Não sabia para onde ir. A quadra era grande demais, o jardim também, os amigos haviam ficado na outra escola. Comi o lanche, quase engasgando, numa mureta perto do banheiro. Mas nada melhor que um dia atrás do outro. O amor pela escola foi surgindo aos poucos. A merenda gostosa me conquistou, principalmente, no dia da macarronada. Dona Dirce, como inspetora de alunos, mantinha com pulso firme o comportamento de todos. Dona Luzia, também, sempre alerta. As amigas não tardaram a



...a luminosidade que vinha da parede de vidro...

acontecer. A primeira foi a Gisele, que tinha o mesmo gosto que eu: bolacha recheada de chocolate. Comíamos, escondidas, assistindo às aulas. O grupo foi passando de um ano para o outro e cada vez nos conhecíamos mais. A luminosidade, que vinha da parede de vidro, me encantava e deixava nos cadernos a claridade do sol com sua excelência. Já a partir da 5ª série, a correria das alunas era coisa normal. Não me esqueço da minha professora de português, dona Eunice, da 5ª série. Nunca vi tanta dedicação! A professora de geografia, dona Geralda, com seu saltinho fino, era um sinal de alerta nos corredores: fazia a classe ficar em silêncio em segundos. O dia em que ela nos fez decorar todas as capitais do mundo e colocou, de dez em dez, todos os alunos na frente da lousa para fazer uma sabatina, provocou cólicas. As respostas tinham de ser rápidas senão passava-se para o próximo. E a dona Vera de ciências, então! Tive professores maravi-lhosos que exigiam de nós, alunos, sempre o que tínhamos de melhor para oferecer. Era possível ver nos olhos deles a garra, a força e a vontade de transformar-nos em pessoas de bem. Um tempo tão bom, de cadernos cheios de lições, trabalhos para fazer e livros para ler. Formei-me, na 8ª série, no ano de 1981.

Hoje, aos 38 anos, passo em frente a minha escola

todos os dias. Como tudo mudou... Não é mais de 1ª a 8ª série. Agora é só ensino fundamental. De longe dá para ver que cobriram a quadra e que agora há outra, onde era o estacionamento para os carros dos professores. Entretanto, fechando os olhos, ainda me lembro do meu primeiro dia de aula.



Foto atual da família Marssan, com todos os irmãos reunidos na festa de aniversário de 80 anos de Ângelo. Da esquerda para a direita: Lourdes (66), Maria (71), Emília (73), Mário (76), Angelina (78), Orlando (83), Ângelo (84), Fernando (86) e Antonio (89) anos

Imagine¹

Margarete Schiavinatto
psicóloga e escritora

Esta é uma história de amor sem fronteiras

Gratidão²

*Na memória,
incandescências de outras fogueiras.*

Estalos alados.

Atrito impetuoso

de luz

no caos.

Minha mãe chegou a São Caetano do Sul com um

ano de idade, nos braços de minha nona Gioconda e de toda a família. (Meu nono Luiz e mais sete irmãos: Antonio, Fernando, Ângelo, Orlando, Angelina, Mário e Emilia. Lourdes, a última filha, só nasceria na cidade escolhida para cuidar dos filhos alguns anos depois.)

Maria cresceu e se transformou em uma linda mulher. Pelos retratos constata-se seu belo sorriso emoldurado na beleza cuidada com pó-de-arroz.

O pai, sempre vigilante, dificultava os pretendentes de Maria. Em um dia qualquer de 1952 chegou um convite de casamento de uma das primas que morava na cidade natal de Maria. Um acontecimento familiar. Nos preparativos para a festa, vestido novo costurado em casa e a viagem marcada um dia antes da festa para rever parentes queridos. Um evento também para todos da cidade do interior que "entendia" São Caetano do Sul como São Paulo: - *Os parentes de São Paulo chegaram* - era a notícia que corria. Atando-me à história de Maria, imagino: - *A prima de São Paulo já está na cidade.*

Na igreja, e depois no sítio preparado para a festa, com pequenas e preciosas jóias enfeitando o colo e os lóbulos das orelhas, Maria chegou. O baile aconteceria com músicos da região.

Orlando, que não era o irmão e até então não tinha entrado na história, ficou encarregado de buscar os músicos, impedidos de chegar em razão da tempestade que tomou a cidade, os noivos e os convidados. Ele aparece para salvar a festa. Um jovem de bigodes aparados, vestido com uma grande capa preta de chuva, saindo em busca da música que alegraria os convidados e faria Maria sonhar. Fico aqui imaginando um misto de herói e príncipe encantado.

○ príncipe dançou algumas músicas com Maria. Mas, nesses encontros de amor, o tempo passa tão rápido, e, inesperadamente, chegou a hora de partir, voltar para São Caetano do Sul e, quem sabe, continuar sonhando, tantas e tantas vezes, com os pequenos momentos que duram uma música, um passo de dança, um abraço do par, camuflado pela marcação do ritmo - dois pra lá, dois pra cá...

○ tempo passou. Precisamente um ano. A notícia chegou acordando o coração da jovem. Tempo de despertar. Orlando estava na cidade e a procurava. Constatado aqui uma contradição: naquele momento São Caetano do Sul já não era entendida como São Paulo. Era um ponto no mapa, um lugar pequenino onde todos se conheciam de tal forma a permitir que um príncipe chegasse procurando a princesa pelo nome: Maria.

○ casamento aconteceu na igreja Nossa Senhora da Candelária, com festa e docinhos caprichados. O batizado dos filhos, nos anos seguintes, também foi celebrado no mesmo lugar. Para mim, a primeira filha, a igreja tem o dom de despertar saudades de coisas vividas e que minha memória de 49 anos não sabe onde escondeu. Mas esta saudade sempre vem avisar o vivido ainda latente, fazendo toda uma diferença na emoção nos dias atuais.

○ príncipe se tornou pai e trocava seus passos por maçãs. Eu explico. Morávamos na rua Castro Alves e meu pai, que de príncipe da mãe virou herói dos filhos, quando necessário, caminhando ia até o centro da cidade economizando seu escasso dinheiro lutado todos os dias em seu trabalho de motorista de caminhão, distribuidor de uma bebida gaseificada, *Cerejinha*. Também caminhando voltava para casa e, com o dinheiro não utilizado para a compra das duas

passagens de ônibus, comprava maçãs para os filhos. *Na infância de minha mãe / a presença da maçã / no perfume aprisionado em papel de seda. / Amenizando vontades / e ausências*³ Em nossa infância, meu pai e minha mãe nos proporcionaram, além do perfume, o gosto das maçãs.

Esta minha história é de amor. Não há fronteiras entre os seres humanos. Por esta razão dei o nome de *Imagine* a este texto, ouvindo a música de John Lennon enquanto escrevia. Todos os irmãos de minha mãe ainda moram na cidade. Estão firmes e fortes. Meu pai caminha em seus 80 anos e ainda cuida de seu pequeno comércio. Minha mãe se dedica às delícias que sabe cozinhar para deleite dos filhos e netos. Não moram mais na cidade, mas bem pertinho daqui. Em dia de jogo do São Caetano, meu pai veste azul. Eu e meu marido vivemos em um lugar privilegiado para nosso olhar. À frente, nossos olhos se perdem em São Bernardo do Campo. À esquerda, poucos metros nos separam de Santo André. Um amor sem fronteiras que a cidade de São Caetano do Sul sempre me proporcionou. Já amanheço sob este céu que lhe cabe a cada instante.

1 - Emprestei o nome da música de John Lennon, que também fala de fronteiras.

2 - Poema de minha autoria, uma maneira de agradecer a luminosidade presente de pessoas muito amadas em minha vida.

3 - Memória - poema de minha autoria dedicado à minha mãe. Na sua meninice, levava para casa o papel de seda que envolvia o lanche da colega da escola; uma maçã. Todos usufruíam o perfume.



...receita tão especial cruzou o Oceano Atlântico e...

O sabor da lembrança

Liana Moreira
analista de sistema e escritora

Certas receitas possuem um gosto muito especial que, muitas vezes, resultam bem mais de associações que fazemos com boas sensações experimentadas no passado do que efetivamente com seu paladar. O seu sabor vem envolto por histórias e momentos agradáveis vividos, os quais tornam a sua apreciação muito particular e subjetiva.

Desde que tenho consciência da minha existência, ouço detalhes sobre o *Capelletti in Brodo* - aquela sopa típica italiana -, que era feito por minha avó e suas irmãs, por ocasião da Páscoa e do Natal. Essas duas datas eram comemoradas

todos os anos da mesma maneira: com um almoço cujo prato principal eram esses "capellettis" ricamente recheados, acompanhados de frango com batatas.

O costume de haver poucos pratos na refeição não se tratava de uma questão econômica, mas de uma maneira de erigir os pequenos e esmerados nozinhos de massa caseira a um patamar superior a todos os demais. Havia, nessa preparação, uma homenagem daquelas "mammias" aos antecessores e uma intenção, ainda que não consciente, de se aproximar das suas origens. Tal receita tão especial havia cruzado o Oceano Atlântico e lhes fora transmitida por sua mãe, Maria Fontana Tosetti, imigrante italiana e então moradora de São Caetano do Sul.

Foi nesta cidade que Maria Fontana, minha bisavó, reencontrou Atílio Tosetti, que havia sido seu namorado quando ambos ainda residiam em Bolonha, na Itália. Casada na ocasião, não imaginava que ele viria a ser seu segundo marido. Amasiaram-se e, desta união, nasceram dez filhos: cinco homens e cinco mulheres. Vieram a contrair matrimônio somente muitos anos depois, o que contrariava sobremodo os padrões da época.

Meu bisavô se tornou um bem-sucedido industrial local. Produzindo botões e pólvora, originou a empresa que, ao ser vendida, passou a se chamar Indústrias Aliberti. Não cheguei a conhecê-lo. Também não conheci minha bisavó materna, mas sei que, apesar de seus 12 filhos, (os dez da união com meu bisavô e mais duas filhas de um casamento anterior), não era ela uma pessoa muito maternal. Uma história pitoresca ilustra tal afirmação. Contam que meu bisavô lhe dava uma boa quantia em dinheiro para a compra do enxoval das filhas, por ocasião

do casamento de cada uma delas. O montante era suficiente para a compra de um enxoval completo e de boa qualidade, sendo bastante, até mesmo, para que peças mais finas e requintadas fizessem parte do conjunto. Porém minha bisavó dava diferente destino ao recurso financeiro: a maior parte era utilizada na compra de novas bonecas e estatuetas em *biscuit* italiano para sua coleção particular! Sobrava para o enxoval apenas uma pequena quantia, com a qual comprava umas poucas peças comuns, baratas e insuficientes para quem se casava. Mas fato é que todas as filhas se casaram e, sem contar nada a seu pai, levaram aquele diminuto enxoval, contribuindo - a contragosto - com o rápido crescimento dos exemplares de bonecas e estatuetas da mãe. Presumo que no corpo de minha bisavó nunca tenha deixado de palpitar um coração de menina...

Não convivi com as filhas de seu primeiro casamento nem com os filhos homens. Já das filhas do segundo casamento tenho muitas lembranças boas, que estão entrelaçadas com as minhas memórias de menina. Lorenzina, minha avó, e as suas irmãs Elza, Júlia, Vélia e Anita herdaram o modo despachado e informal que ainda impera nos concidadãos de seus progenitores: falavam alto, gesticulavam muito com as mãos e entremeavam o português com algumas frases em italiano, o que lhes conferia um jeito espalhafatoso e engraçado. Nós, da família, nos referíamos a elas como "a italianada", numa atitude mais brincalhona que pejorativa.

Depois de casadas, todas continuaram morando em São Caetano. Minha avó e sua irmã Elza na rua Senador Vergueiro. Júlia na rua Pernambuco e Vélia na rua Major Carlos Del Prete; ruas bem próximas no centro da cidade. Já tia Anita

morava um pouco afastada das demais, na rua Guaicurus (atual rua Arnaldo Locoselli, no bairro Cerâmica). Era na casa de minha tia Elza que eu comia pastéizinhos de carne aos domingos de manhã. Massa e recheio caseiro, feitos por ela, foram os mais gostosos que já provei. Outra boa sensação do paladar me remete à casa de minha tia Júlia, onde, no quintal, colhi pitangas vermelhas, doces e suculentas, de cujo prazer nunca me esqueci.

A proximidade fortaleceu a união das quatro irmãs que moravam no centro e de suas respectivas famílias. "A italianada", continuaram assim a ser chamadas, estando tia Anita presente ou não. Quando estavam juntas, valiam-se de um subterfúgio: falavam na língua materna de seus pais, utilizando um dialeto de Veneto e proferindo as palavras rapidamente toda vez que queriam ocultar algum fato dos filhos, noras, genros e netos.

Minha mãe, Ede, foi fruto do casamento de vovó com um imigrante português, José Ferreira, e nasceu nesta casa da rua Senador Vergueiro, onde vive até hoje. Em toda sua vida nunca morou em nenhum outro lugar. Quando ela se casou, meus pais foram morar na casa de meus avós, que se mudaram para uma casa menor, que havia nos fundos, ficando meus pais com a casa da frente, que era maior. Foi neste mesmo lugar que nascemos, meu irmão e eu, nos primeiros anos da década de 60. E lá moramos até nos casarmos. A história de nossa mãe é tão enovelada com a da casa, que esta passou a ser como uma parte dela mesma, sendo que o contrário também corresponde à verdade: há um pouco da minha mãe espalhado por todos os cantos da casa.

Quando eu era menina, gostava de ir ao quintal de meu avô. Uma área grande onde havia muitas roseiras (tantas!),

um imenso tapete de margaridas, grandes figueiras, algumas galinhas e um gramado verde. Sei que havia também outras árvores frutíferas - goiabeira, limoeiro, abacateiro, oliveira - e canteiros de ervas - salsinha, cebolinha, tomilho -, mas não me recordo de tê-los visto.

"A italianada" fazia jus à fama que tem o povo italiano de valorizar sobremaneira a boa mesa. *Mangia che ti fa bene*, diziam elas durante as refeições, encorajando os familiares a comer um pouco mais. E era no preparo das refeições que estas italianas punham seus maiores esforços. Juntas, estabeleceram algumas práticas que foram se consagrando pelos costumes e se transformaram em verdadeiros rituais.

O preparo do pão caseiro era um deles. "A italianada" se reunia na casa de minha avó e fazia uma enorme quantidade de pão caseiro. Dizem que a maneira especial que preparavam a massa fazia com que o pão permanecesse macio durante uma semana inteira. Dona Júlia, nossa vizinha, também participava desta preparação e era a proprietária do forno a lenha. Ao final, dividiam os pães entre elas e cada uma levava sua parte para casa: uma porção suficiente para o consumo semanal de suas famílias. A meu ver, neste hábito estava contido um desejo ainda mais significativo que o da partilha dos pães assados: o de estarem juntas, dividindo as experiências do percurso.

Mas o grande ritual, o maior, o mais esperado, era o da preparação do *Capelletti in Brodo*, cuja magnitude era realçada pela sua ocasião: nas duas mais importantes datas religiosas. No dia anterior, "a italianada" se reunia na casa de minha avó e começava a preparar o prato logo nas primeiras horas da manhã. Meu avô gostava de participar também.

Colhiam uma braçada de salsinha e cebolinha dos canteiros do quintal e picavam tudo. E cortavam uma imensidade de mortadela, de carne de porco, de frango e de carne de vaca. E co-zinhavam as carnes separadamente. E ralavam uma montanha de queijo. E juntavam tudo para o recheio. E faziam a massa caseira. E abriam-na. E cortavam em pedaços. E recheavam cada um deles. E fechavam em nozinhos. Passavam o dia todo nesses ritos da preparação, falando e rindo muito. Ao final do dia, tinham os "capellettis" prontos. Dividiam o resultado do trabalho em partes iguais, não sem antes separar uma porção para dona Júlia, nossa vizinha, que participava do outro ritual - o do pão -, mas não tomava parte deste. Levando o quinhão de "capelletti" que lhe cabia - uma enorme quantidade - ia cada uma para sua casa. No rosto ia estampado o prazer de terem estado juntas, homenageando a terra natal de seus antepassados e deitando suas raízes. Para o dia seguinte ficava apenas a preparação do caldo - o *brodo* - onde os "capellettis" eram cozidos, sendo uma porção escorrida e coberta por molho, enquanto o restante permanecia no caldo, originando a sopa. Esta parte - simples e rápida - finalizava o ritual e era feita por cada uma delas em sua respectiva casa.

Nunca conversei com o Celso, meu irmão, sobre estas lembranças. Nosso tempo é tão escasso! Precisamos breicar este tempo e fazê-lo ir mais devagar!... Ao resgatar e parti-lhar o passado, estreitamos nossos laços e acariciamos a criança adormecida dentro de nós. Acordamos o lado feliz da nossa infância, reconstruindo uma parte da nossa história e reavivando lembranças ingênuas que chegam junto com uma saudade gostosa...

Eu tinha apenas seis anos quando esse ritual deixou

de ser praticado, por ocasião do falecimento de minha avó. Mas esses momentos bons não se extinguem: permanecem imutáveis na ternura da gente. Contam-me que já degustei o *Capelletti in Brodo* feito por minha avó, mas não me recordo de tê-lo provado. Mas o sabor desta famosa iguaria eu sei descrever muito bem, através da narração dos fatos ocorridos. Sempre que como uma boa massa na presença de algum descendente destas italianas, uma mesma frase é proferida: *Ninguém faz um "Capelletti in Brodo" como o delas!* E prosseguem descrevendo os ingredientes, os detalhes da preparação, o sabor inigualável... E os olhos começam a brilhar, a língua sai da boca já entreaberta, separando e roçando os lábios por algumas vezes. O rosto assume a máscara do desejo, fazendo crescer água na boca de todos os presentes, ao mesmo tempo em que pronunciam palavras lamentosas sobre a extinção desta preparação.

Este julgamento é comprometido por uma nostalgia que os faz apreciar determinada comida de um jeito que ninguém mais poderia. Mas um coração saudoso pode (e tem o direito de) elevar qualquer comida à categoria de uma iguaria, ainda que se valendo mais do gosto das lembranças do que do seu próprio sabor.

Muitas outras famílias italianas se estabeleceram em São Caetano. Certamente trouxeram consigo receitas de Treviso, Mântua, Thiene, Vittorio Veneto, Iglesias e de todas as tantas outras cidades de onde emigraram os cidadãos que contribuíram para o desenvolvimento do município. Fico imaginando quantas destas famílias não tinham o costume de se reunir para fazer massa caseira em determinadas ocasiões... Uma massa que continua sendo inigualável para aqueles que a provaram. E nem

poderia ser diferente, porque esta apreciação vem envolta e temperada pelas boas lembranças.

Quantas receitas incomparáveis de *Capelletti in Brodo* devem existir espalhadas pela cidade!... Mesmo assim, preciso revelar-lhes que o feito pela minha avó e suas irmãs era realmente o melhor! Não se ofendam, mas meus parentes não me perdoariam se falasse algo diferente de tão deliciosa receita. Eu, de minha parte, aceitarei e darei fé se você fizer idêntica declaração sobre a receita da sua família: é o sabor da lembrança.



E, à tarde, ao catecismo no Externato Santo Antônio

Doces lembranças do tempo

Lourdes De Vita
poetisa

Venho de um tempo em que a gente
Conversava com as flores...
Em toda casa havia um jardim
E, pela manhã, num cumprimento amigo,
Eu dava às flores, bom dia!
Em troca, elas cantavam pra mim.

Venho de um tempo em que não havia
Luz nas ruas, mas o convite
Para as crianças rodarem a cirandinha

e recitar seus versos.
Nos portões, sempre havia uma cadeira
Para um bate-papo amigo.

Nesse tempo, o domingo era dia de festa.
Era santificado ao Senhor.
Pela manhã, eu ia à missa
E, à tarde, ao catecismo no Externato Santo Antônio.

Venho de um tempo em que existia
Quermesse no largo da matriz.
Num vaivém de jovens,
Sempre alguém conquistava alguém.
Existiam festas juninas e balões.
Fogueiras e emoções de pisar nas brasas
fazendo pedido aos santos São João e Santo Antônio.

Venho de um tempo em que o diálogo existia e,
Ao redor de uma mesa, a transparência
Dizia que a felicidade existia.
Não havia cobrança e todos os dias eram dias de festa.

Venho de um tempo em que aqui ainda existia muito verde
São Caetano do Sul...
Eu descia minha pequena rua e
Atravessando a avenida Goiás havia uma
Pequena floresta e seguia trilha
Que terminava na chácara do velho português.
Venho de um tempo em que as meninas
Andavam de mãos dadas e existia
A sinceridade de amor puro.

Até parece ter sido outro mundo
Vivido nesse outro tempo.
Eu vim desse tempo e rolei com ele.
Aprendi a caminhar nesse novo tempo,
Mas a nostalgia me acompanha
E me faz recordar.



Parque Chico Mendes

Olhar poético

Mariza Lima Gonçalves
escritora e professora do
CIM Profª Alcina Dantas Feijão

Foto de Marcos Kim - Acervo: Fundação Pró-Memória

Quis fazer uma viagem de pés, olhos e alma.

Munida de coragem e ânimo pus-me casa afora. O dia escolhido, um domingo de manhã.

Do ponto onde moro olhei para baixo, olhei para cima, já que se optasse por seguir em frente entraria na casa da vizinha, talvez para um papo e... Bem, essa história fica para outro dia. Decidi por subir a rua e fui olhando o colorido das casas, pessoas caminhando para concluir seus afazeres; vi carros, barulhos, jardins... O pequeno jardim construído em

frente à Faculdade de Serviço Social, que singelo! Pena não ter bancos, para uma paradinha, uma pausa, um pouco de apreciação do que há em volta, mesmo que seja o barulho.

Mais um pouco de andar, outro jardim pequeno com bancos, árvores, cachoeira, zumbido de crianças ao fundo, barulho de água à frente. Local? Visconde de Inhaúma, em frente à Fundação das Artes.

Mudo de rumo. Desço a Cavalheiro Ernesto Giuliano, paro no alto, estico os olhos e todo um emaranhado de casas se me aparece. A visão ampla do todo aproxima as moradias. Sigo, estou sem rumo. Quero a poesia escondida não sei onde. Vou, olho a casa velha e me pergunto: quem será que mora ali? É uma casa quase no cruzamento com a rua Amazonas, lado esquerdo. Quanto tempo resistirá?

Sigo em minha busca: o antigo Aeromodelismo. Poderia ficar ali dando voltas e voltas. Há uma mistura de paisagens e recantos. O descer e o subir em torno dele dão prazer. Parar no meio de uma volta e olhar pequenos prédios, sobrados, casas, gente, carros...

Espera aí... Isso tem em todo lugar!

Não! Lá é diferente.

Faça silenciosamente quantas voltas preciso for. Ouça o silêncio. Parece coisa de doido, mas é coisa de poeta. Convido! Entre, abra os olhos para a pedra no chão, para a água do lago, para a água que desce da encosta. Sente-se em um banco ou no pequeno teatro de arena. Parece que ali de repente surgirá um homem maduro, letrado, que declamará uns versos. Alguém sugerirá tocar violão e o homem agradecerá, acolherá, terminará a leitura e irá... Pra onde?

A imaginação é isso! Permite pensar, inventar,



...ali diria ser o paraíso dos olhos, o consolo da alma.

descobrir, criar esse lugar para onde esse desconhecido foi.

Continuo a caminhar, saio na rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira. Que encanto a rotatória próxima ao cemitério. Ali a rua é silenciosa. Tive a impressão que motoristas diminuem a marcha em respeito ou imaginei muito e tudo é vida, mesmo onde descansam os mortos? Sigo a rua e entro na rua Pandiá Calógeras, onde as flores descansam, esperam. Há nesta rua um misto de alegria e saudade. Os vendedores se apresentam com meio sorriso nos lábios. Indecisos, cautelosos, observam quem chega, na tentativa de descobrir o que vai querer comprar. Oferecem, tímidos, a mercadoria, mais uma vez respeitosos, mas, quando sabem que o motivo é festa, ou é *pra mim mesma*, tudo muda e chegam a trocar histórias... Compro flores. Olho a rua. Naquele instante, o céu tem um colorido de foto, e um vento passa puxando meu olhar. À direita os mortos, à esquerda crianças brincam - é domingo!

Escolho a direção das crianças. Saio em uma rua silenciosa: rua Eduardo Prado. À minha frente, ao fundo, o parque Chico Mendes. Converso com uma senhorinha e ela me

explica que o *parque fica em baixo e aqui tem...* Ela fala. Vou engolindo as palavras: história da casa dos engenheiros, de que se pode ver a majestosa verde paisagem do ponto onde estamos; me conta como surgiu o *buracão* e desfila uma enormidade de fatos ocorridos ali, de um tempo tão bom pra ela e agora tão bom pra mim. Digo adeus. Tenho tarefa poética; ela, solidão. Ainda fala comigo enquanto caminho. Queria ficar, mas não hoje, porque hoje quero descobrir pequenas poesias escondidas na minha cidade.

Entro no parque Chico Mendes. Ali diria ser o paraíso dos olhos, o consolo da alma. Lá o moderno e o antigo se encontram. Na paisagem construída de praças, lagos, avenidas e jardins, o humano vem e se apossa. Confunde-se nos brinquedos com crianças energéticas que misturam seus sons com o som dos patos e, de repente, saído como uma ordem invisível, o silêncio. Pássaros cantam, alguém chama o filho, homens ca-minham, mulheres caminham, jovens caminham, crianças correm. É o ar que enche o peito, é o sol que aquece a alma. São pessoas decididas a andar, andar, andar. São olhos que se escondem atrás dos óculos, são olhos sem proteção alguma. Olhos falantes, observadores, captadores. São almas no vai- vêm... De vez em quando um som do mundo externo, às vezes um grito de *joga a bola*. São almas que enchem de poesia minha caminhada. Almas que nem sabem serem observadas na manhã de domingo, que fazem parte da minha poesia, do meu olhar poético sobre a cidade.

São Caetano no alto assiste ao vaivém das pessoas. Vou pra perto dele, na tentativa de ver o que ele vê. Vem o vento, sento no banco e percorro o olhar, quero dizer: *que lindo!* Mas estou só e só observo e aprecio a paisagem, há verde, há vida.

O sol se esconde. Alguém diria que o *tempo está mudando*. Eu brincando diria: *Pra onde?* Eu olho para o santo, ele permanece impassível diante da brincadeira. Vou caminhando de volta pra casa, observo a planta, a terra, a minha cidade. Tudo tem encanto. Algumas pessoas me olham. Eu as olho também. Elas não sabem da minha poesia e eu não sei da delas. Caminhamos pela mesma cidade e nem sabemos da poesia que se esconde nos recantos e cantos em que vivemos. Somos anônimos observadores da poesia única, criada no íntimo de cada ser e que, muitas vezes, morre sem que ninguém venha a conhecê-la.



...onde fincaram a bandeira nasceu
pujante e formosa
uma cidade brasileira!

Meu São Caetano de outrora

José Ramos Vitorino
professor de geografia e história, poeta

Foram entrando pátria adentro,
descobrimo o Brasil.
Caminhando em meio às matas,
Corriam em campo aberto.
Engatinhando nos brejos,
Navegavam nossos rios
E em cada pousada antiga,
Onde fincaram a bandeira
Nasceu pujante e formosa
Uma cidade brasileira!

Na verdade, não foi assim comigo.
Era passagem e corriam tanto!...
Simples recanto no meio da mata
E de quilômetros um punhado só,
Onde os ingleses, ao passar, plantaram
Nova parada para o trem de ferro!

Serenamente estava eu ali
Velha fazenda de Tijucuçu!
Um simples traço de união, perdido
Entre São Paulo - o de Piratininga
E Santo André - o da Borda do Campo!

Lembrando agora... eu era quase nada!
Quase só mato e árvores enormes.
Ali passava o rio dos Meninos,
E bem ali, o Tamanduatey...
Rios silenciosos e tranqüilos
Onde sapos brincavam com os grilos.

Mas hoje, não há nada, ou quase nada
Das antigas veredas e das trilhas...
O rio dos Meninos é saudade,
O córrego de Utinga é um filete
A contornar vielas da cidade!
Cadê você, meu rio pequenino,
Se hoje só restam águas poluídas
Restos de meus sonhos de menino
E gritos de crianças mal vestidas!

Sei que nada acontece por acaso!
Como você, meu bairro Fundação,
Por um triz não foi chamado
De bairro Conde Matarazzo!

Os homens foram chegando...
E contemplo pela janela
O casario crescendo...
A ambição aumentando...
E relegaram ao exílio
A minha humilde capela!

E mais tarde, ao lado dela,
Muitas fábricas enormes...
E quase só entraram nela
Homens calados, disformes,
Com a tristeza estampada,
Na prece da madrugada.

Das Indústrias Reunidas
Guardo históricas imagens!
Agora a fábrica é o templo
Onde não há orações,
Pois morreram dentro d'alma
As italianas canções...
Restam apenas miragens
E o barulho de engrenagens,
Cilindros e carrilhões...

Enquanto esguias chaminés
Simbolizam para o homem
Que Deus está no infinito...
As casas se multiplicam
Surgem bairros, surgem vilas
Surgem recantos bonitos.

Sou vila Santa Maria,
Vila Nova e São José...
Vila Gerty e Barcelona,
Monte Alegre e Boa Vista
E eu sou vila Paraíso...

"Pra" acomodar o progresso
Vieram homens de fora
Das cidades, do sertão...
E rasgaram avenidas
Muitas ruas e alamedas
Em homenagem aos Estados
De nossa Federação!

Mas as ruas eram "amigas"
Queriam "brincar de roda"
E viver como as comadres
Nas esquinas, no portão...
E surgiram muitas vielas
Novas praças e capelas...
E o urbanismo foi em vão!

O passado foi embora!
E que saudade tenho agora
Da cerâmica de outrora...
E do meu velho canivete...
Da sujeira dos cavalos...
Do buracão, do barreiro,
E até do cantar dos galos
E das madames de charrete!



Sede do clube União Cultural de São Caetano do Sul - Teuto

Tradição e dança de salão no Teuto-clube União Cultural de São Caetano

Hildebrando Pafundi

jornalista, escritor, contista, cronista e
membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

São Caetano do Sul, cidade acolhedora que abriga, desde os primeiros tempos, antes mesmo de sua fundação e emancipação política e administrativa, migrantes vindos de diversas localidades deste imenso Brasil e imigrantes de muitas nacionalidades. Os primeiros tinham a facilidade de falar a

mesma língua, enquanto os segundos foram-se adaptando aos costumes brasileiros, gerando descendentes, misturando tradições, pois trouxeram, na bagagem e na memória, seus costumes, suas culturas. Nesta crônica, porém, destaco a colônia alemã, para contar um pouco da história do Teuto, relacionado entre os clubes mais antigos do Grande ABC.

O que é Teuto? As respostas variam, mas quase todas têm um pouco de imaginação e o mesmo tanto de verdade. A resposta mais comum, porém, é que se trata de um clube da antiga vila Paula, hoje bairro Santa Paula, em São Caetano do Sul, que promove bailes. Como não consigo respostas mais esclarecedoras, recorro com aguçada curiosidade ao meu *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, dezembro de 1999, Século XXI, onde encontro a seguinte explicação: *Teuto - Adj. V. teutônico, teuto: teuto-brasileiro; teutomania, que significa germanismo. Em seguida, como exemplo, cita de um trecho de Seixos Rolados, de Roquette-Pinto: Em Santa Cruz, cidade de vida interiorana alemã, vi, num domingo, numerosos cavaleiros teuto-brasileiros, montados à gaúcha,... chapéu de abas largas, calças de botões de prata, laço.*

Em São Caetano do Sul, Teuto era conhecido como Clube dos Alemães. O termo significa *antigo povo da Germânia, que habitava as margens do Báltico, ou filho de alemão casado com brasileira*, segundo informa Narciso Ferrari, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube, em matéria intitulada *Teuto - um orgulho da colônia alemã*, publicada na revista *Raízes* Ano XIV, N.º. 26 - dezembro de 2002.

Com ajuda da memória de alguns entrevistados e pesquisa em documentos, retrocedo a 1924, quando chegaram

ao Brasil os primeiros *Suábios do Danúbio*, europeus de língua alemã. No Brasil, muitos foram trabalhar na lavoura em fazendas do interior. Grande parte, no entanto, fixou residência na Mooca e outros bairros de São Paulo. Já em Agosto de 1926, muitos se mudaram para as vilas Paula e Ressaca, onde encontraram patrícios que foram trazidos para trabalhar na Cerâmica São Caetano. Vou prosseguindo em minha pesquisa, quando chega às minhas mãos outro precioso documento, *Fatos históricos que antecederam e deram origem à fundação da União Cultural de São Caetano do Sul*, tendo como redatores: Antônio Laefort Filho, Nicolau Schunk, Miguel Patz, Miguel Zvonimir, Maria Kersch Zaremba e Nicolau Zaremba.

Fico sabendo, através desse documento e com mais informações acrescentadas pelo diretor social desde novembro de 1999, Renato de Sá, que a União Cultural de São Caetano do Sul, também conhecida como Teuto, é um dos clubes mais antigos do Grande ABC, fundado em 26 de agosto de 1929, pioneiro em algumas atividades sociais e esportivas, pois foi um dos primeiros a realizar um *baile da saudade*, (antes mesmo do cantor Francisco Petrônio), depois transformado em *baile da nostalgia*.

O pioneirismo no esporte foi registrado a partir de 1940, com equipes masculinas e femininas de bolão, esporte típico alemão, parecido com o boliche, mas com outras regras. Foram conquistados campeonatos paulista e brasileiro. As prateleiras envidraçadas instaladas junto às paredes das pistas de madeira para a prática do bolão, com levantadores automáticos, no salão de esportes, estão repletas de troféus e medalhas, conquistados pelos atletas que defenderam e continuam defen-dendo as cores do Teuto - União Cultural de

São Caetano do Sul, filiado à Federação Paulista de Bolão e Bocha. O tesoureiro, Feliciano Ignácio Ribeiro, meu cicerone nesta primeira visita mais prolongada, lembra que o clube da General Motors também possuía uma equipe de bolão, desativada já há alguns anos. Mas em outras cidades de São Paulo e em outros estados brasileiros há muitas equipes desse esporte.

Recorro novamente ao passado, lembrando que, para sede da Sociedade Cultural Esportiva Teuto Brasileira, primeiro nome do clube, foi escolhido um modesto salão, localizado na confluência das ruas Piauí com Wenceslau Braz, que pertencia a João Vamondes, eleito mais tarde presidente da entidade. O primeiro presidente por aclamação foi Paulo Kraus, um dos fundadores, junto com Konrad Enis, Felipe Heise, Konrad Schaffer, João Vogel e Stefan Bachert.

Povo alegre, os alemães realizavam, nesse salão, bailes e festas de casamento, mas não faltava a encenação de peças pelo grupo de teatro amador. Nessa mesma época, formaram um time de futebol, o *Clube dos Alemães*, conhecido em toda a região como *Teuto*. Participavam desse time alguns vete-ranos, entre eles: Eduardo Bernhardt, João Barbi, os três irmãos Detlinger, João Ehrenberger (Grané), Antônio Lösch, Pedro Knebel, Konrad Enis, Jakob Enis, João Kehl, João Metzger, irmãos Zeller, irmãos Schumacher e outros.

Em meados de 1930, essa sociedade mudou de nome, passando a denominar-se Associação Escolar Teuto Brasileira de São Caetano, e a diretoria passou a ser presidida por Johann Keller. Para a instalação dessa escola, foi adquirida uma casa na rua Wenceslau Braz, 41. Em regime de mutirão dos sócios, a casa foi adaptada para servir de escola. Na época, o

presidente em exercício recorreu ao sócio majoritário da Companhia Antártica Paulista, Antônio Zerrenner, conseguindo com ele, na forma de empréstimo, o dinheiro necessário para a aquisição dessa casa, com aval em promissórias de Nicolau Schunk, que trabalhava na mesma empresa.

Essa associação, junto com a escola, funcionou até 1938, quando novamente mudou de nome, passando a chamar-se Associação Alemã Cultural de São Caetano, tendo, como presidente eleito, Heinz Hellner. Mas, em 1939, devido aos conflitos da Segunda Guerra Mundial, a escola foi obrigada a encerrar suas atividades. Nessa época, o clube participou de campeonatos de futebol de campo com algum sucesso.

No entanto, as atividades culturais e recreativas eram os maiores destaques. Aos domingos, eram realizadas matinês dançantes e, aos sábados, os bailes eram das 22 horas até as quatro da manhã. Nessa época, o empresário e colaborador do clube, Walter Cianci, proporcionou a vinda de vários artistas famosos como Manoel da Nóbrega, Nara e Leonor Navarro, Sílvio Santos, que era conhecido como *Peru Falante*, entre outros.

Outra atração desse período era o teatro amador, com a participação de jovens moradores das proximidades. As roupas utilizadas nos espetáculos eram alugadas em São Paulo, na antiga Casa Teatral. Na época do Natal, eram distribuídos brinquedos aos filhos dos sócios e a crianças pobres das redondezas. Os brinquedos e guloseimas eram doados por estabelecimentos comerciais locais, principalmente pela loja Ao Carioca, do então amigo do clube e ex-prefeito Anacleto Campanella. Nos primeiros anos da década de 1940, o clube também se destacou no futebol de campo.

Nessa temporada, a entidade foi dirigida por diversas diretorias. O próprio documento já citado destaca a gestão dos presidentes: Arthur Garbelotto, Luiz Astolfi, Antônio Bussolani, Marcelo Fernandes Torralva (Tatu) e outros. O presidente Garbelotto conseguiu, por doação da Companhia Antártica Paulista, diversos móveis, cadeiras, mesas, balcão e geladeiras, que foram utilizados durante vários anos.

Essa sociedade durou até 1951, quando mudou novamente de nome, passando a denominar-se União Cultural de São Caetano do Sul. Denominação que prevalece até hoje, com sede na rua Piauí, 961, bairro Santa Paula. No dia 28 de outubro daquele ano, foi realizada uma reunião conjunta entre os sócios do clube, ex-alunos e pais da antiga escola alemã. Estavam presentes 110 participantes, além de Heinz Hellner, antigo diretor da escola. A assembléia que aprovou a unificação das duas entidades com a denominação de União Cultural de São Caetano do Sul, ex-Associação Escolar Teuto Brasileira, foi presidida por Marcelino Fernandes Torralva, tendo como secretários João Lutz e Nicolau Schunk.

Durante o período de 1962 a 1969, o clube foi presidido por João Kaiser, sempre reeleito. Para a gestão 1970/71, foi eleito o presidente Antônio Laefort Filho. Em 1972, João Kaiser foi novamente eleito presidente, permanecendo no cargo até sua morte, em cinco de agosto de 1997, totalizando 34 anos de presidência, sempre reeleito. O vice-presidente João Lefort assumiu a presidência até a ocorrência de nova eleição, em 2000, quando assumiu o cargo Marcos Gomes Barroso e, depois, Milton Pereira.

Em 1964, foi reiniciado o *baile da saudade*, com orquestras típicas como a de Waldemar Fâmula, com a

participação do cantor Francisco Petrônio, que com seus dançarinos animava esses bailes. Já no ano seguinte, foi realizada a primeira Festa da Cerveja, com animação da Orquestra de Nikolau Behringer.

O baile em comemoração aos 75 anos de fundação do clube foi realizado em 2004, com homenagem a antigos diretores: Nicolau Zarembo, Eva Brunner, Francisco Prats Simon, Guilherme Ginarti, Terezinha Portela Ginarti, Aparecida Marcondes de Araújo, João José Isler e Olga Balbino.

Atualmente, os *bailes da nostalgia*, que tiveram início no Teuto, são predominantes e abrilhantados por bandas famosas da região, da capital e de outras cidades. São realizados às sextas-feiras, das 20 horas à meia-noite, e aos domingos, das 19 horas às 23 horas e 30 minutos. São freqüentados por homens e mulheres de todas as idades. Prevalecem os ritmos tradicionais como bolero, samba, chá-chá-chá, forró, guarânia e samba-canção, entre outros. O passo preferido, principalmente pelos apaixonados, é o dois pra cá, dois pra lá... A valsa, também muito apreciada, é executada durante bailes em que se comemora o aniversário de freqüentadores.

Às terças-feiras, a partir das 20 horas, os cavalheiros e damas que desejam aprender a dançar, aprimorar ou incorporar novos passos e movimentos, podem freqüentar o curso de dança de salão, com aulas ministradas por Jéferson e equipe.

Cronologia

1924 - Chegam ao Brasil os primeiros *Suábios do*

Danúbio, europeus de língua alemã.

Agosto de 1926 - Muitos imigrantes alemães mudaram para a antiga vila Santa Paula, em São Caetano do Sul, onde encontraram patrícios trabalhando na Cerâmica São Caetano.

26 de agosto de 1929 - Fundada a União Cultural Esportiva Teuto Brasileira.

Meados de 1930 - Essa sociedade muda o nome para Associação Escolar Teuto Brasileira de São Caetano.

1938 - Nova mudança de nome, agora para Associação Alemã Cultural de São Caetano.

1939 - A escola alemã é obrigada a encerrar suas atividades devido aos conflitos da Segunda Guerra Mundial.

28 de outubro de 1951 - Nova assembléia geral de associados aprova nova denominação do Teuto, que prevalece até hoje: União Cultural de São Caetano do Sul.

Diretoria do biênio 2004/06 - presidente: Hércules Fornasari Filho; vice-presidente Social: Vitório Belloto; vice-presidente de esportes: Mauricio Previato; tesoureiros: Feliciano Ignácio Ribeiro e Alexandre Hallos; secretários: Julieta Augusto e Nelson Boldo; diretora de patrimônio: Sueli Aparecida Belloto; diretor de sede: Valter Cardin; presidente do conselho: Milton Pereira; diretor social: Renato de Sá.

A União Cultural São Caetano (Teuto) conta atualmente com 180 sócios. Os bailes são realizados às sextas-feiras, das 20 horas à meia-noite, e aos domingos, das 19 às 23 horas. O salão social conta com 90 mesas e capacidade para até 400 pessoas.

Mas a intenção da diretoria é aumentar a sede, construindo um salão anexo para receber novos associados e

convidados com novos e mais atraentes eventos.

As últimas linhas desta crônica foram escritas numa sexta-feira à noite, dia de *baile da nostalgia* no Teuto. Embora pudesse contar com a memória e com as entrevistas já realizadas, bem como com o conforto de um computador em minha casa, preferi ocupar uma mesa de pista para rascunhar, com uma caneta esferográfica, o que segue:

Vai começar mais um Baile da Nostalgia. Embora eu seja um freqüentador esporádico desses bailes em diversos clubes do Grande ABC e Capital, há sempre uma certa emoção no início do evento, a expectativa de ser aceito ou rejeitado pela dama, que, sempre, com certa timidez e ansiedade, convido para dançar. Difícil é dominar a emoção nesse breve instante, coisa de segundos, entre o sim e o não, geralmente expressado em código gestual próprio dos bailes e da dança de salão.

A banda inicia os primeiros e lentos acordes de um bolero. Os casais mais apressados, para não perder tempo, já começam a deixar as mesas para ocupar a pista de dança, ensaiar os primeiros passos cadenciados do tradicional dois pra cá, dois pra lá...

Eu, que também não sou de ferro, paro de escrever e vou dar uma volta pelo salão. Não resisto ao toque exótico do bongô e resolvo aderir ao ambiente nostálgico e romântico da noite. Criei coragem e convidei para dançar uma bela morena, que pelo olhar nostálgico tinha certeza que diria sim. Fui buscá-la na mesa e juntos seguimos até a pista de dança. Parecendo que já nos conhecíamos há anos, passamos a trocar os passos: dois pra cá, dois pra lá, de rosto colado...

São Caetano do Sul, 22 de abril de 2005.



*...faz tempo
que não escuto falar das
aparições de fantasmas...*

Demônios, vampiros e outros sustos

Humberto Domingos Pastore
é jornalista

Faz tempo que não escuto falar das aparições de fantasmas, demônios, vampiros e sacis. Deve ter sido porque eu cresci, ou por qualquer outro motivo, mas curiosamente, até os anos 60 e um pouquinho dos 70, ainda se ouvia falar muito sobre o assunto. Vira e mexe aparecia alguém dizendo que tinha visto, ou pelo menos ouvido, coisas sobrenaturais, coisas do outro mundo.

Tinha meus sete, oito anos, (deduzo então que vivíamos em 1962, 1963), foi lá no bairro Barcelona. Diziam

que um vampiro muito feio aparecia durante as noites (nem precisava ser noite de lua cheia.) As conversas davam conta que durante o dia ele agia como um homem normal, mas que à noite virava bicho. Lembro que, numa tarde, enquanto estudava no grupo escolar 28 de Julho, aconteceu um corre-corre danado, barulho de sirene da polícia, e fomos todos para a janela. Vimos que logo apareceu uma multidão que tomou conta da rua Oriente, quase esquina com a rua Flórida. O motivo é que alguém tinha visto o tal vampiro, apesar de estarmos em pleno dia.

Não me recordo de quem deu o alarme, mas o certo é que todos repetiam a notícia de que o suspeito tinha sido encurralado e estava escondido na torre da antiga paróquia do bairro. Sem dúvida esse nosso vampiro era bem diferente. Ele agia de dia e não tinha medo da cruz da igreja. Pelo que eu sei, ele se transformou em fumaça tão logo o sol se pôs, já que nunca foi encontrado.

Pode até ser que o caso não tenha ocorrido bem dessa forma, mas posso garantir que foi isso que foi filtrado das ocorrências e permaneceu em minha mente. Se na época eu senti medo, não me lembro, mas que as pessoas comentaram muito, nisso você pode acreditar.

E pode acreditar, também, que um outro caso veio assombrar minha infância. Acho que foi por volta de 1969, 1970, quando numa casa no bairro Santa Paula, acho que na rua Pindorama, ou perto dela, deu para as coisas voarem de um lado para o outro; e o pior, até excrementos apareciam por lá.

Ainda tenho, na retina de meus olhos, a visão da fachada da casa, com uma multidão enorme de pessoas. Cada dia tinha mais gente no local, já que um falava para o outro, e,

principalmente, porque a imprensa dava notoriedade para o caso. O interessante é que, da mesma forma como os fatos surgiram, foram desaparecendo, e as pessoas que se amontoavam na frente da casa, de repente, também sumiram.

Hoje, esses fatos já têm explicação científica, e meu professor de parapsicologia, o escritor Benjamim Bossa, explica tudo com a maior naturalidade; mas naquele tempo foi um grande acontecimento na cidade.



... o Cristo de braços abertos
me acolhe cheio de paz...

São Caetano do Sul - cidade acolhedora

Maria José Amaral Pante
professora

No alto da matriz Sagrada Família, o Cristo de braços abertos me acolhe cheio de paz.

Tenho os olhos fixos nesta imagem, sinto a força do futuro que me chama para um caminho novo.

Em 1971, deixei para trás a cidade onde nasci e sempre vivi, meus pais, irmãos, amigos... Encontrei-me aqui em busca de trabalho. Na minha fragilidade, apresentei-me nas escolas, com meus diplomas, pouca experiência, muitos sonhos

e uma vontade imensa de ensinar e aprender.

A primeira escola foi a Vila Olímpica - hoje Escola Estadual Maria da Conceição Moura Branco. Depois vieram outras: E.E. Sylvio Romero, E.E. Alfredo Burkart, E.E. Matheus Constantino. Mais tarde foi o CIM Alcina Dantas Feijão e, atualmente a EMEF Ângelo Rafael Pellegrino.

Acompanhei, no crescimento de minhas crianças, o crescimento de minha cidade.

Ambas cresceram rapidamente. As sementes se espalharam, multiplicaram-se nas gerações que a cada ano letivo chegavam com suas marcas próprias.

A cidade se transformou cada vez mais em parques, prédios, praças, avenidas largas, escolas... A modernidade invadiu todo o espaço urbano. São Caetano do Sul, hoje, é conhecida, reconhecida, bem conceituada, humanizada.

Nesta época os ipês-rosas estão floridos e a cidade está salpicada de tons róseos que aquecem e inundam nossa alma com a força do amor. As árvores de ipês explodem em flores num milagre imensurável. Plantei ipês, com meus alunos, nesta cidade. Hoje os ipês floridos povoam as ruas, os parques, como silhuetas mágicas, róseas, douradas, cheias de luz.

As gerações de crianças também se transformaram. Algumas sementes ficaram pelos caminhos, viraram saudosas lembranças e povoam minha mente como os ipês floridos. A maioria felizmente tornou-se cidadania. Hoje, adultos, são pais e mães de família, profissionais bem-sucedidos. Realizo-me nos reencontros freqüentes com meus ex-alunos: *Você foi minha professora. Ainda me lembro de suas aulas.*

São Caetano do Sul - cidade acolhedora. Quantos aqui chegaram de todas as partes do mundo e aqui foram aco-

lhidos e aqui ficaram e aqui deixaram suas marcas de trabalho e arte.

São Caetano - *jóia rara*. Renasce no brilho de cada manhã e sua luz desperta em nós o futuro que é agora.

No Cristo de braços abertos a me acolher cheio de paz, no alto da matriz Sagrada Família, vejo seus braços, minha cidade, a acolher a todos que aqui chegaram e aqui estão a formar a família São Caetano. Sinto-me acolhida por esta sagrada família.



Paço Municipal de São Caetano do Sul

Poema de compromissos

Sérgio Augusto Alonso Bellaminut
economista e poeta

São Caetano, formosura
Em cada praça, ilha florida
Preocupação da Prefeitura
Com a qualidade de vida.

São Caetano, formosura
Em cada parque existente
Preocupação da Prefeitura
Com nosso meio-ambiente.
São Caetano, formosura

Em cada belo monumento
Preocupação da Prefeitura
Com o histórico momento.

São Caetano, formosura
Em cada escola renovada
Preocupação da Prefeitura
Com o estar da garotada.

São Caetano, formosura
Em cada curso promovido
Preocupação da Prefeitura
Com o jovem aqui nascido.

São Caetano, formosura
Na tranqüilidade, presente
Preocupação da Prefeitura
Co'a segurança da gente.

São Caetano, formosura
Retratando compromissos
Que assume a Prefeitura.



Noite em São Caetano

Cidade das cores... e dos perfumes

Wilson Loduca
jornalista

Dizer que São Caetano do Sul é uma cidade de primeiro mundo é repetir o que todo mundo sabe.

As escolas, os jardins, que rivalizam nas cores, as bandas e a orquestra filarmônica, as ruas limpas, os cruzamentos, cuja sinalização vai muito além de apenas orientar a movimentação de veículos e pedestres e que é, decididamente, mais um elemento embelezador de suas ruas, nada disso é novidade para ninguém.

Repetir que São Caetano é privilegiada no que se refere às artes, também é chover no molhado.

Mas existe algo no ar, além dos aviões de carreira, como dizia o cronista de antanho. Certo trecho, em certo bairro, é, senhores e senhoras, perfumado. Sim, perfumado! No ar, aquele cheiro delicioso que desperta o apetite que lembra festividades e alegria, no santo pecado da gula evocado pelo aroma que preenche a atmosfera. Aroma de saudades, exalando das caldeiras da Pan, empresa pioneira que desde 1935 nos enche a boca de saliva. A Pan, um dos marcos da história sancaetanense, que guarda em suas paredes muitos dos acontecimentos, remete nossas lembranças àquele início distante, em que produzia quase artesanalmente chocolates e balas que, saindo de suas formas, depois de esfriar, eram enviados para residências das proximidades, onde moradores ganhavam um dinheirinho extra embalando esses produtos.

Ruas e ruas, ao redor da Maranhão, são banhadas pelo perfume das balas, doces, chocolates e, na época de Páscoa, evocam ovos inexplicavelmente postos, não por uma ave qualquer, mas, nada mais, nada menos, que por um coelho; mas um coelho muito especial.

Doce perfume dos tempos de criança, tempos em que uma moeda de chocolate embrulhada em papel alumínio dourado era a suprema felicidade do menino pobre que, com aquela moeda, sentia-se rico, muito rico.



... primavera é paz: o bem eterno!...

Sinais do tempo!...

Raquel Santos
jornalista

Verde! Até ser livre: "de-Ver"
Esperança! "Drible de duendes"
Fácil viver e difícil de crer!
Majestoso que é: Chico Mendes!...

Amarelo! Mantenha o "elo Amar"
Atenção se faz! Verão inverno!
"Se outono quimera frutificar"
Primavera é paz: O bem eterno!...

Vermelho! "Ver melhora" fonte,
Pare! Agora: ceder pôr-do-sol!
"Doar sangue viceja horizonte"
É cereja que encanta rouxinol!...

Verde: fé, "viva-cidade" agem,
Amarelo: visão ativa "advento!"
Vermelho: hospitaleira imagem,
São Caetano: "sinais do tempo!"



...subiu-desceu, tanta voz...

São Caetano brilha!...

João Miguel dos Santos
"Remador"

28 de julho: a cidade
7 de agosto: a Divina Providência

Esta São Caetano do Sul!
Há trem de aço, à beira,
Inoxidável! Em céu azul
Atesta ser: de primeira!...

Tem olheiras, lei seduz!
Finas *sinaleiras* de paz,
E o trem que sai da luz:
Vitaminas "*Abcdmrp*" faz!...

Quanta *gente* viajou ali!
Subiu-desceu, tanta voz,
Pessoas iguais nunca vi
Mais recente: *um de nós!*...

Estrangeiro sem destino!
Leste, oeste e "*sulista*"
Nortista *bem* nordestino:
Passageiro se *conquista!*...

Quem usa "*boas maneiras*"
Nem se cruza a paralela!
Exceção às cremalheiras:
Esta *São Caetano é bela!*...

Em *di Thiene* entretém!
Festa do povo: é trilha
"*Até Santos!*" novo trem:
Esta *São Caetano brilha!*...



...e já cheguei na plataforma da estação de trem...

Contos de trens.....

Priscila Gorzoni
é pesquisadora da Fundação Pró-Memória

Não são nem dez da manhã e já cheguei na plataforma da estação de trem de São Caetano, que está cheia. Pessoas com bagagens, famílias grandes, mulheres de idade se espalham pelos bancos de ferro que lembram as douradas épocas das viagens de trem. Quando viajar de trem era sinal de riqueza. Da minha infância me lembro da placa branca que anunciava a estação, hoje substituída por uma tabela marrom dependurada ao vento. Boa parte das pessoas toma o mesmo rumo que eu, a Estação da Luz, onde milhares de passageiros

descem para fazer suas baldeações, compras ou trabalhar nas fábricas da região desde o século passado. Essa mesma estação, que nasceu no dia 1º de maio de 1883, carrega muitas histórias, narrativas de meus pais, tios e personagens conhecidos da cidade. Uma delas é a de Assunta Ferreira Veronese, de 95 anos, que ainda ontem me contava como era a estação.

Havia duas porteirosas em suas laterais, uma de saída e outra de entrada. Para não dar confusão, um guarda ficava ali cuidando da passagem.

O ritmo dos trens também era outro, aliás, como o ritmo de nossa vida. Eles não passavam todas as horas, mas em horários pré-determinados de acordo com os dias da semana. Mas ainda assim o trem era bem concorrido. Dona Assunta se lembra muito bem dele. Ela morava na rua Amazonas, que era cercada por mato, e, para não se atrasar, pegava uma jardineira até a estação.

Naquela época não tinha o perigo. As crianças costumavam brincar dentro das estações de trem.

Enquanto me lembro das histórias de dona Assunta já estou sentada dentro do carro que parte para a Lapa. Lá vejo um menino carregado de chocolates anunciando o seu comércio:

Aproveitem é só hoje. Leva 10 e paga um real....

O garoto, que parece aparentar menos de 15 anos, é magro e repete várias vezes, em altos brados, a mesma frase. Ao seu lado vem o irmãozinho, tentando aprender sua futura profissão. A mãe, sentada, observa os dois: um retrato típico e lamentável do país. Fico imaginando como seriam naquela época as paisagens da janela. Na certa não seriam como as de hoje, ruínas das fábricas e restos de vagões abandonados. Do outro lado, quase que esbarrando no garotinho dos chocolates,

vem um homem gordo com uma sacola nos ombros. Ele anuncia o bom preço de suas revistas de medicina caseira.

Dois reais cada, aproveitem. Tem receita para dor de barriga, dor de cabeça e até mau olhado.....

No passado, o trem sempre foi sinônimo de requinte e romantismo. Segundo Caetano Grecco, 80 anos, que morou durante toda a sua infância a 50 metros da estação, ela era linda.

Inteira de tijolos aparentes, tinha uma leve semelhança com a Estação da Luz. As plataformas eram amplas e os portões inicialmente de ferro. Fazia barulho quando os trens passavam. Naquele tempo, os trens eram movidos a carvão coqui, que vinha do Chile, mas, durante a Primeira Guerra Mundial, o carvão faltou e sua falta criou grandes problemas. Seu Grecco se lembra bem das ferrovias de antigamente e da estação da cidade. Ele morava bem perto da estação, que era chamada de curva do Matarazzo. A estação começava na Lapa e ia até depois de Jundiaí. De lá se iniciava a Estrada de Ferro Paulista, e de Campinas saía a Mogiana até Poços de Caldas.

O pai de Seu Caetano era um artesão talentoso, que montava sapatos manualmente, e por isso o garoto precisava ir ao Brás toda a semana para lhe comprar os materiais.

Com uma lista escrita a mão eu ia de trem até o Brás, com apenas nove anos. Eu me sentava em um banco de palha revestido por franja e só pagava uma vez 300 réis pela viagem.

Os trens tocavam um sininho quando chegavam, assim se anunciavam e preveniam os que estavam nos trilhos. Mesmo assim muita gente morreu vitimada pelo Expresso, trem especial que ia direto para Santos.

Nos finais de semana nós íamos passear em Santos.

Então tomávamos o trem em Santo André às 6 horas para pegar o Expresso das 6:30. Chegávamos em Santos às 8 da manhã e ainda éramos brindados por uma paisagem esplendorosa, com imensas plantações de bananas e barcos para a exportação.

Na ferrovia moravam vários funcionários, entre eles o chefe da estação, que usava um chapéu vermelho. Eles tinham suas casas ao lado da estação. Com o tempo, isso também mudou. Por outro lado, os trens eram locais de grandes romances; alguns até acabaram em casamento, como no caso dos meus tios. Fiquei sabendo que eles haviam se conhecido na estação de trem de São Caetano. Meu tio me contou que pegava sempre o trem no mesmo horário de minha tia e um dia reparou nela com mais atenção. Passou então a observá-la, mas demorou um certo tempo para que ela percebesse a sua presença. Então ele começou a fazer a corte e a conquistou. Hoje o trem de São Caetano já não tem todo esse *glamour*, mas continua sendo um dos meios mais econômicos de locomoção e um retrato real do Brasil. Quando levanto os meus olhos já estou novamente em São Caetano, e como é bom estar em casa novamente pelos trilhos do trem. Lá vai ele outra vez levar outras histórias, outras memórias....

Informações técnicas:

Formato:
160mm x 230 mm (fechado)

Impresso em papel:

Capa:
Supremo 250g

Miolo:
couchê 90g

Encarte:
couchê 120g

Grafica Provo
2006

